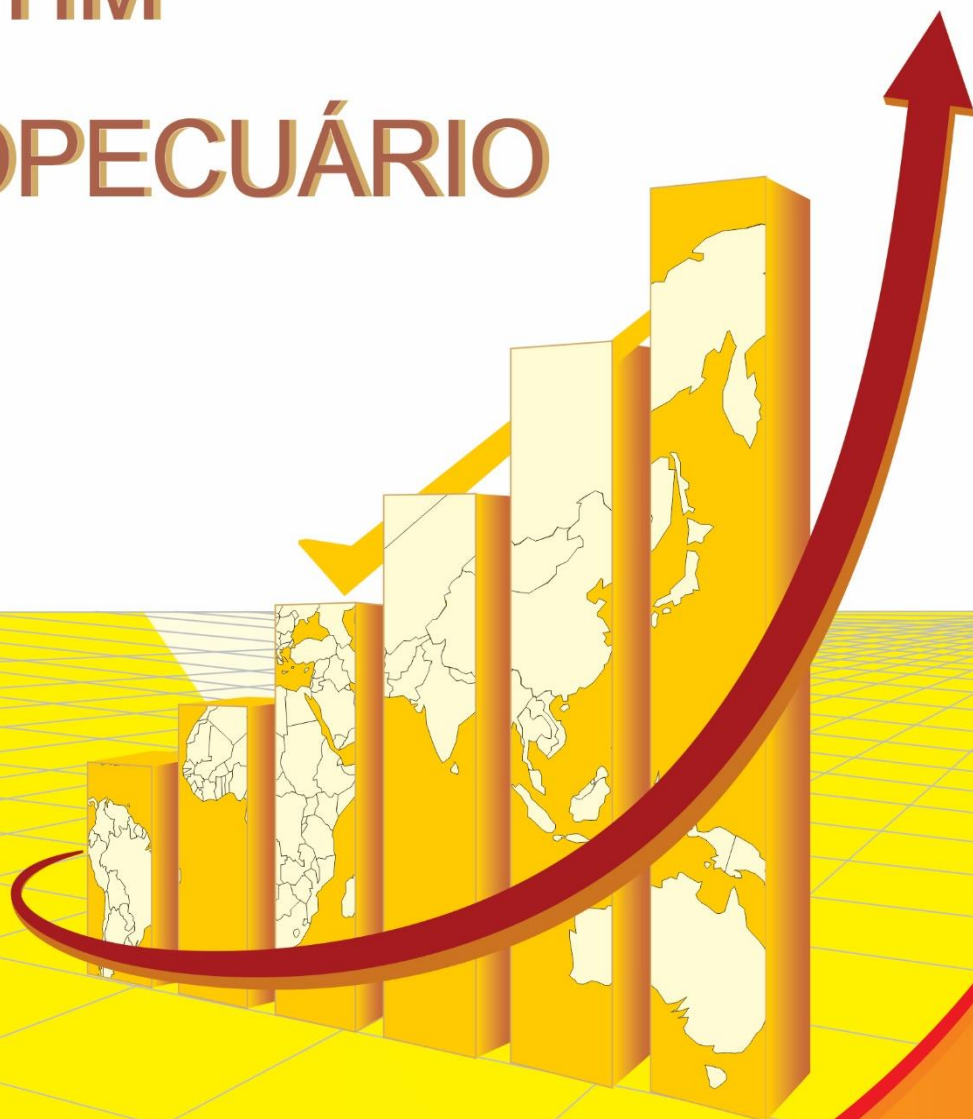


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 334

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Carlos Koji Kato – Caçador (UGT 10)

Claudio Luis da Silveira – Lages (UGT 3)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: março de 2021 – *(on-line)*

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Março/2021. Florianópolis, 2021, 46p. (Epagri. Documentos, 334).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 *(on-line)*

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	15
Soja	20
Hortaliças	24
Alho.....	24
Cebola	27
Pecuária	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	35
Suínocultura.....	39
Leite	44

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior

Economista, Dr. - Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

Nas regiões produtoras de banana de Santa Catarina, desde o segundo semestre de 2020, com eventos climáticos e meteorológicos que impactaram as áreas em produção e as medidas de controle da pandemia afetando a comercialização da fruta, a tendência é a valorização dos preços da fruta acima da média para o primeiro trimestre.

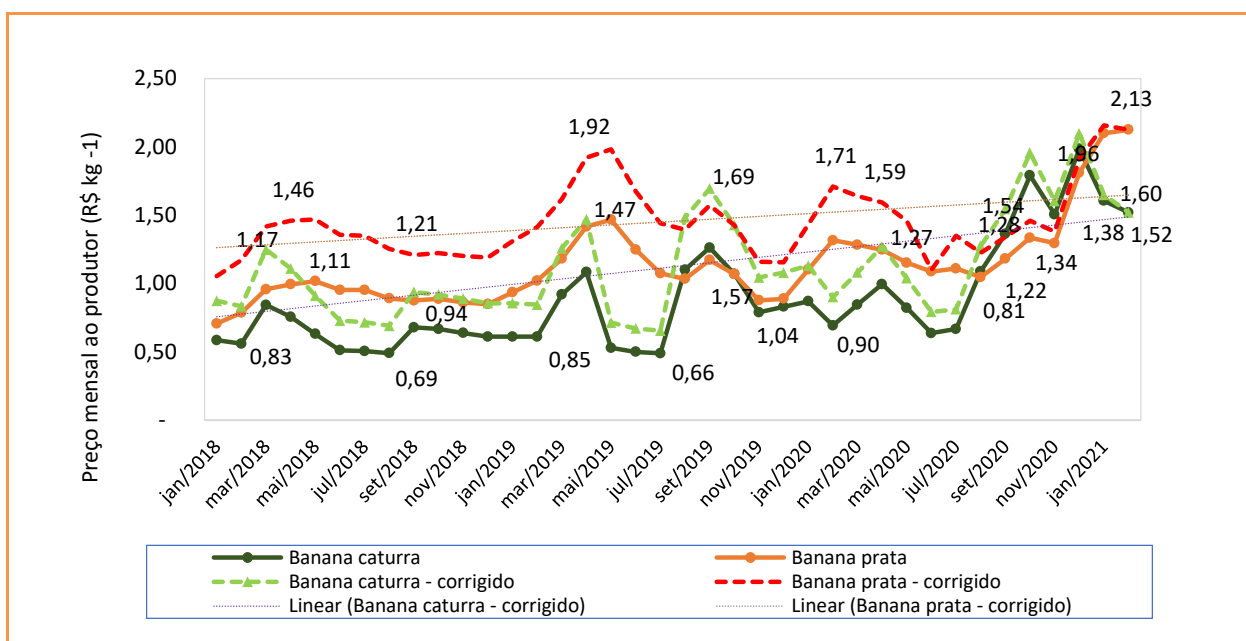


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – fev/21=100).

Fonte: Epagri/Cepa, mar./2021.

Entre janeiro e fevereiro de 2021, houve desvalorização de 7,8% nas cotações da banana-caturra. Mas houve melhora em relação as cotações entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, que apresentaram desvalorização de 21,4%. Já o preço mensal de fevereiro de 2021 está valorizado 68,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 79,9% ao mesmo período do ano de 2019. Esses números são reflexo da redução na demanda de grandes compras institucionais que permanecem afetadas com as restrições para o controle da pandemia, houve redução no preço como forma de escoar parte da produção com cachos próximos ao estágio de maturação. A banana-prata, após aumento de 12,7% nas cotações entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, teve seu preço reduzido em 1,5% no mês de fevereiro em relação ao mês anterior. Mas, a variedade mantém as cotações valorizadas 24,3% em relação a fevereiro de 2020, e 50,5% em relação a 2019. Com a qualidade melhor que a caturra, a banana-prata segue valorizada, mas com expectativa de redução nas cotações devido ao aumento da oferta no final do primeiro trimestre de 2021.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – nov./20 a fev./21

Praça	Mês				Var. (%) Fev./Jan.21
	Nov. 20	Dez. 20	Jan. 21	Fev. 21	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,37	1,93	1,40	1,28	-8,6
Prata	1,26	1,81	2,01	2,08	3,5
Sul Catarinense					
Caturra	1,64	2,04	1,81	1,76	-2,8
Prata	1,33	1,81	2,19	2,17	-0,9

Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, março de 2021.

No Norte Catarinense, com temperaturas entre amenas e quentes a partir de janeiro de 2021, houve aumento na produção, ainda que abaixo da média histórica regional, e com qualidade da fruta afetada pelas variações da temperatura. As cotações da banana-caturra foram desvalorizadas como estratégia escoar a produção devido ao aumento de cachos próximos a maturação nos bananais.

No Sul Catarinense, mesmo com clima favorável o aumento da oferta está influenciando a desvalorização nos preços da banana-prata na região. A qualidade da variedade se mantém adequada a demanda do mercado. A expectativa é de recuperação nos preços a partir do final do segundo trimestre do ano corrente.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) na Ceasa/SC – nov./20 a fev./21

Praça	Mês				Var. (%) Fev./Jan.21
	Nov. 20	Dez. 20	Jan. 21	Fev. 21	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	2,62	3,14	1,96	2,86	45,9
Prata	2,08	3,52	2,86	3,45	20,6
Jaraguá do Sul					
Caturra	2,31	2,79	2,40	2,33	-2,9
Prata	2,28	2,74	3,01	3,33	10,6
Sul Catarinense					
Caturra	2,36	2,71	2,48	2,42	-2,4
Prata	2,05	2,51	3,33	3,31	-0,6

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, março de 2021.

As cotações no mercado atacadista, nas praças catarinenses, começam a refletir a desvalorização nas principais regiões produtoras. Na central de abastecimento estadual, Ceasa de São José, o aumento na demanda pela fruta entre janeiro e fevereiro fez valorizar o preço da fruta comercializada. Mas, com o aumento do desenvolvimento nos bananais do Sudeste e Nordeste do país, a tendência pode ser a desvalorização nas cotações a partir de março de 2021.

Tabela 3. Banana: Brasil - Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças – jan. a mar./2021

Praça	Mês			Variação (%) fev./jan. 2021
	Jan./21	Fev./21	Mar./21 ⁽²⁾	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,53	1,89	1,60	23,5%
Prata	3,32	2,85	2,33	-14,2%
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	1,48	1,87	1,56	26,4%
Prata	3,45	2,93	2,26	-15,1%
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,88	1,74	1,69	-7,4%
Prata	2,86	2,62	2,26	-8,4%
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica
Prata	2,28	2,24	1,88	-1,8%

⁽¹⁾Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

⁽²⁾Preço médio até 15 de mar./21.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

A oferta no mercado nacional deve ser aquecida a partir de março com desvalorização das cotações da banana nas regiões produtoras nos próximos meses. No Nordeste e Sudeste, os preços da banana-prata ainda com melhor qualidade no mercado nacional seguem valorizados, mas acabam desestimulando a demanda pela variedade e estimulando a procura pela banana-nanica. Ainda com oferta abaixo do volume médio histórico do setor, a tendência é o equilíbrio de ambas as variedades conforme a qualidade oferecida da fruta e a desvalorização nas cotações em relação a média do primeiro trimestre de 2021, mas, com manutenção de valores acima dos negociados em anos anteriores.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2019/20 e 2020/21

Microrregiões	Estimativa 2019/20			Estimativa 2020/21			Variação (%) 2019-2020		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção (%)	Rend. Médio (%)
Blumenau	4.311	139.525	32.368	4.425	96.278	21.758	2,64%	-31,00	-32,78
Itajaí	3.574	120.048	33.585	3.587	71.008	19.796	0,36%	-40,85	-41,06
Joinville	12.972	385.327	29.703	12.931	223.256	17.265	-0,32%	-42,06	-41,87
São Bento do Sul	347	7.052	20.345	523	9.969	19.061	50,72%	41,36	-6,31
Araranguá	5.220	61.268	11.737	5.332	58.872	11.041	2,15%	-3,91	-5,93
Criciúma	1.285	19.506	15.176	1.294	20.334	15.714	0,70%	4,24	3,55
Tubarão	100	1.189	11.851	131	1056	8.061	31,00%	-11,19	-31,98
Total	27.810	733.915	26.391	28.223	480.773	17.035	1,49%	-34,49	-35,45

Fonte: Epagri/Cepa (fev. 2021).

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Os preços ao produtor no mês de fevereiro apresentaram tendência baixista, movimento esse que iniciou em dezembro de 2020. Em fevereiro de 2021, o preço médio pago ao produtor catarinense fechou em R\$87,32/saca de 50 kg, o que representa uma redução de 0,5% em relação a janeiro de 2021. No Rio Grande do Sul essa redução foi ainda maior, 2,65%, fechando em R\$88,08 a saca de 50 kg no mês de fevereiro.

Esse comportamento recente dos preços segue o padrão esperado para este período do ano, haja vista o avanço da colheita nos dois estados e consequente aumento da oferta interna do grão. Contudo, os preços permanecem em patamares elevados. Na comparação de 12 meses, em Santa Catarina, os preços de janeiro ficaram, em termos reais, 41,16% maiores em relação ao mesmo período do ano passado.

Outros fatores explicam a recente baixa dos preços, tais como o aumento das importações de países de fora do MERCOSUL, fortalecido pela quota de importação com isenção de impostos promovida pelo governo federal e a tendência de que o consumo retorne ao ritmo normal neste ano, contrapondo o aquecimento observado desde o início da pandemia do novo Coronavírus.

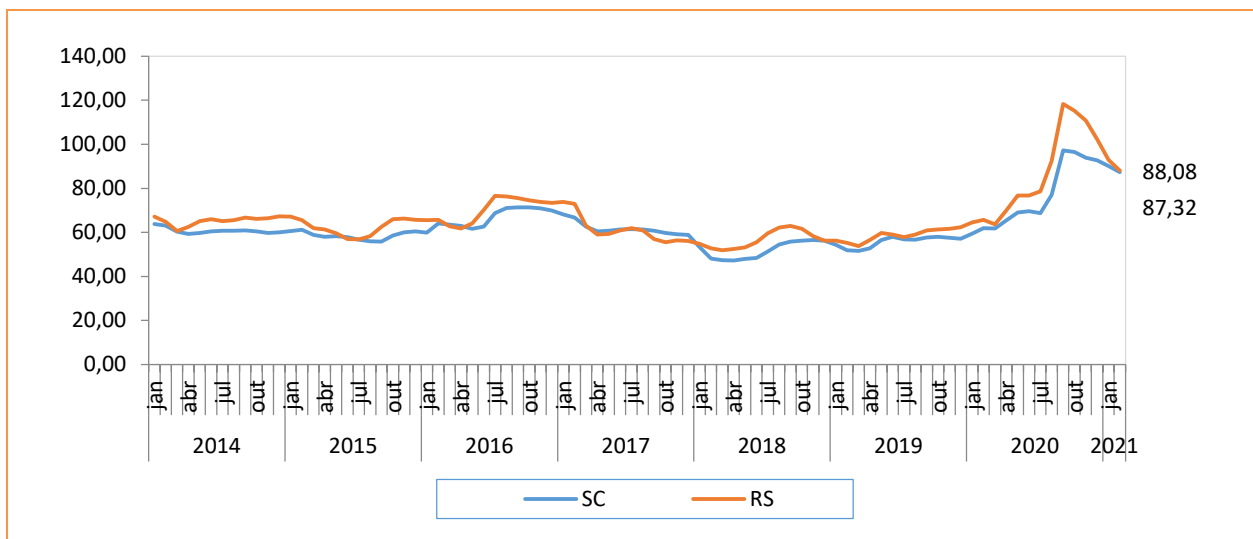


Figura 1. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor (R\$/sc 50kg) – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan/2014 a fev/2021)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base fevereiro/2021).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), março/2021.

Comparativo de safra

A colheita do arroz no estado segue em ritmo acelerado. Com a diminuição no volume de chuvas na segunda quinzena de fevereiro, os produtores puderam executar os tratos culturais necessários nas lavouras semeadas mais tarde. Até a segunda semana de fevereiro, 39% da área total do estado haviam sido colhidas. Da área que está em campo, cerca de 90% apresenta condição de lavoura boa e nos 10% restantes, condição de lavoura média. Cabe ressaltar que em função do excesso de chuvas, tem sido registrado excesso de arroz maduro e brotamento na panícula em algumas regiões do estado, o que tende a reduzir produtividade e qualidade dos grãos.

Na Região Sul Catarinense, que nesta safra correspondeu a 66,7% da área plantada, aproximadamente 60% das áreas encontra-se em fase de maturação. No campo, produtores dão continuidade aos manejos culturais. A colheita já ultrapassou 30% da área semeada e deverá se intensificar em março, com a previsão de dias com menor volume de chuvas.

Na Região do Litoral Norte, que responde por 23,3% da área plantada nesta safra, as lavouras seguem com bom desenvolvimento, favorecidas pelo clima menos chuvoso. Nesta região a colheita está mais adiantada, já ultrapassando 80% da área plantada. A expectativa é de uma boa safra, com produtividades próximas ao esperado, que é de 8.200kg/ha, contudo, um pouco abaixo da que foi alcançada na safra passada devido fundamentalmente a massas de ar frio que avançaram pelas regiões produtoras durante o período de desenvolvimento vegetativo e das constantes chuvas de dezembro e janeiro, que diminuíram a luminosidade. As lavouras semeadas mais tarde estão com expectativa de maiores reduções na produtividade.

Nas Regiões do Alto Vale e Litoral Centro, que nesta safra respondem respectivamente por 7,2% e 2,8%, da área total semeada com arroz irrigado no estado, a maioria das lavouras está boas condições e a colheita segue em ritmo normal. As condições climáticas favoráveis das últimas semanas tem propiciado uma boa maturação das lavouras. Quanto ao produto que está sendo colhido, a qualidade dos grãos é considerada boa.

A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada em torno de 149 mil hectares. Em relação à produção e produtividade, é esperado uma redução de 5,81% em comparação à safra anterior. Isso decorre do fato de que na safra passada, 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente na Região Sul do estado, graças a uma conjunção de fatores como distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtivo e incremento tecnológico.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Inicial – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.116	62.977	8.850	0,21	-0,61	-0,82
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.830	168.701	7.728	0,01	-11,76	-11,77
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	12.293	6.487	-0,37	4,32	4,71
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,24
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,39	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.696	92.625	8.660	0,26	3,53	3,26
Tabuleiro	132	739	5.598	132	924	7.000	0,00	25,04	25,04
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	16.089	7.435	0,00	-0,69	-0,69
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.941	145.465	7.680	0,01	-3,18	-3,18
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.465	1.181.320	7.904	0,00	-5,81	-5,81

Fonte: Epagri/Cepa, março/2020.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de fevereiro, o preço médio pago aos produtores de feijão-carioca fechou em R\$278,02/saca 60kg, o que representa um aumento de 11,14% em relação ao preço médio mensal de janeiro. Em termos nominais, esse valor é cerca de 102% superior ao que foi pago no mesmo mês de 2020. Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo também registraram alta do preço médio mensal que foi de 5,52%, 11,86%, e 9,31%, respectivamente. Para o feijão-preto, no mercado catarinense, a variação mensal foi de 8,10%. Em valores nominais, os preços praticados no mercado catarinense estão 116% maior do que aqueles praticados no mesmo período do ano passado.

Um dos fatores que sustentam essa alta dos preços no mercado nacional é o baixo estoque para o início da safra 2020/21 e a queda na produção da primeira safra 2020/21. Contudo, até o momento a produção que está disponível para venda ao mercado consumidor tem sido suficiente para abastecer o mercado. Com preços elevados e redução da demanda pelo mercado consumidor, os atacadistas estão adquirindo o mínimo necessário para honrar seus compromissos. Esse cenário favorável gerou boa expectativa em relação à segunda safra, com possibilidade de aumento de área plantada, desde que as condições climáticas sejam favoráveis.

Segundo dados da Conab, com a possibilidade da extensão do auxílio emergencial por mais quatro meses, o consumo deverá aumentar, assim como ocorreu em 2020, quando esse benefício concedido pelo governo federal foi responsável pelo aumento da demanda de feijão. Com isso, uma safra maior em produção será fundamental para o abastecimento interno. A Conab destaca ainda que em 2020 houve redução nas importações, foram 113,6 mil toneladas, ou seja, 36 mil toneladas a menos que o volume importado em 2019. Essa redução nas importações é reflexo, em parte, da valorização do dólar frente ao real. Por outro lado, as exportações foram as maiores da história, totalizando 176,6 mil toneladas, superando em 12,6 mil toneladas a registrada em 2019.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Fev./2021	Jan./2021	Variação mensal (%)	Fev./2020	Variação Anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	278,02	250,15	11,14	137,46	102,26
Paraná		275,93	261,50	5,52	174,45	58,17
Mato Grosso do Sul		285,68	255,39	11,86	199,40	43,27
Bahia		282,50	258,57	9,25	179,38	57,49
São Paulo		297,50	272,17	9,31	198,52	49,86
Goiás		269,40	264,64	1,80	199,23	35,22
Santa Catarina	Feijão-preto	278,84	257,95	8,10	128,96	116,22
Paraná		299,93	273,85	9,52	127,32	135,57
Rio Grande do Sul		302,90	269,72	12,30	138,62	118,51

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), fevereiro/2021.

Safra Catarinense

Feijão 1ª safra

Em Santa Catarina, cerca de 80% da área plantada já foi colhida. Nas Microrregiões Geográficas (MRG) de Curitiba e Campos de Lages, onde o plantio é mais tardio, a colheita segue em bom ritmo. A alternância de períodos mais chuvosos e secos entre a última semana de fevereiro e a primeira semana de março, melhorou o aspecto das lavouras. Com isso, produtores puderam realizar os tratos culturais necessários nas lavouras que ainda estão a campo, projetando uma excelente safra até o momento. Na MRG de Curitiba, as primeiras áreas devem começar a ser colhidas a partir de 10 de março.

Nas demais regiões do estado, a colheita da primeira safra de feijão já foi concluída. Como já relatamos no boletim anterior, a safra está severamente comprometida. No seu início, a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020, comprometeu as lavouras de feijão em todo estado, desde sua implantação até a colheita. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita, prejudicando severamente as lavouras.

Em todo estado, para a cultura do feijão 1ª safra, safra 2020/21, estimamos que a área plantada deva reduzir 3,4%. Além dessa diminuição de área de plantio, o produto colhido apresentou problemas de qualidade. Foram inúmeros os registros de lavouras com grãos de feijão brotados na vagem e/ou com ataque severo de doenças sem possibilidade de controle. Com isso, a produtividade média nessa safra deverá reduzir quase 6%, resultando numa produção 9,2% menor em comparação com a safra passada.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/20 e estimativa da safra 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Atual Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	54	50	926	53	51	959	-1,9	1,7	3,6
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	7.100	13.844	1.950	-5,7	65,3	75,3
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.450	8.287	1.112	20,2	-42,5	-52,2
Chapecó	2.208	4.585	2.077	1.791	2.038	1.138	-18,9	-55,5	-45,2
Concórdia	411	642	1.562	391	258	660	-4,9	-59,8	-57,7
Criciúma	675	778	1.153	682	793	1.163	1,0	2,0	0,9
Curitiba	4.780	8.505	1.779	4.310	10.008	2.322	-9,8	17,7	30,5
Florianópolis	12	7	542	16	15	938	33,3	114,3	73,0
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.650	1.774	-7,9	1,4	10,1
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.893	5.119	1.770	22,1	49,0	22,0
Rio do Sul	596	965	1.618	558	927	1.662	-6,4	-3,9	2,7
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	643	1.072	0,0	-46,4	-46,4
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	775	992	1.280	-6,1	-40,5	-36,7
Tabuleiro	376	451	1.200	371	370	997	-1,3	-18,0	-16,9
Tijucas	166	172	1.033	180	219	1.214	8,4	27,0	17,5
Tubarão	773	963	1.246	767	958	1.249	-0,8	-0,5	0,3
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	5.883	10.916	1.856	-20,3	-27,5	-9,0
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	34.750	57.090	1.643	-3,4	-9,2	-6,0

Fonte: Epagri/Cepa (SC), março/2021.

Feijão 2ª safra

O plantio da segunda safra de feijão catarinense teve início em janeiro, mas em função do excesso de chuvas, a maior concentração de plantio ocorreu a partir de fevereiro. Até a primeira semana de março, cerca de 40% da área destinada a esse cultivo já havia sido semeada. Em todo estado, para as lavouras que estão a campo, 94,4% das plantas encontram-se em desenvolvimento vegetativo e 5,6% já alcançaram a floração. Quanto à condição de lavoura, 81,4% é considerada boa, 13,6% está em condição média e 5% em condição ruim.

Na Região Sul do estado resta pouca área a ser implantada e nas demais regiões o plantio está encerrado. As lavouras semeadas apresentam boa emergência e desenvolvimento vegetativo. Nas MRG de Canoinhas, São Bento do Sul e São Miguel do Oeste, nas áreas implantadas no início de janeiro, as plantas já alcançaram o estágio reprodutivo.

Nas demais regiões do estado, as lavouras implantadas estão em estágio de germinação e desenvolvimento vegetativo. Os produtores realizam tratamentos fitossanitários e controle de pragas, doenças e plantas invasoras. Na Região de Chapecó, o desenvolvimento da cultura tem sido prejudicado em função do excesso de chuvas e problemas fitossanitários. Os rendimentos médios estimados para a região ficam em torno de 1.500kg/ha.

Nossa estimativa de março, referente ao desenvolvimento das lavouras durante o mês de fevereiro, indica que deveremos ter uma redução de 8% na área destinada ao plantio. Contudo, técnicos e produtores avaliam que a produtividade deverá ser superior à obtida na safra passada, na ordem de 16,7%. Se ao longo da safra essas estimativas se confirmarem e não haja interferência prejudicial por parte do clima, deveremos chegar ao final da safra com uma produção 7,4% superior a alcançada na safra passada.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa – Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	602	368	611	602	368	611	0,0	-0,1	0,0
Canoinhas	1.220	951	780	930	793	853	-23,8	-16,6	9,3
Chapecó	2.294	3.322	1.448	3.224	4.987	1.547	40,5	50,1	6,8
Concórdia	85	170	2.000	-	-	-	-	-	-
Criciúma	2.416	1.707	707	1.010	706	699	-58,2	-58,6	-1,1
Ituporanga	1.265	1.331	1.052	1.013	1.778	1.755	-19,9	33,6	66,9
Rio do Sul	521	445	855	468	761	1.627	-10,2	71,1	90,3
São Bento do Sul	60	39	650	80	62	775	33,3	59,0	19,2
São M. do Oeste	2.065	2.058	997	1.461	2.003	1.371	-29,2	-2,7	37,5
Tubarão	1.181	780	661	1.181	780	661	0,0	0,1	0,0
Xanxerê	13.005	20.287	1.560	12.765	21.547	1.688	-1,8	6,2	8,2
Santa Catarina	24.714	31.459	1.273	22.734	33.786	1.486	-8,0	7,4	16,7

Fonte: Epagri/Cepa (SC), março/2021.

Previsão Climática

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre (março/abril/maio) deve ter chuvas abaixo da média climatológica em grande parte da região. Para o mês de março/2021, o modelo de previsão do balanço hídrico do INMET indica o predomínio de áreas com condições hídricas regulares na Região Sul, exceto na parte central do Rio Grande do Sul e oeste do Paraná e de Santa Catarina, onde são previstos valores significativos de déficits hídricos. Já nos meses de abril e maio/2021, existe uma tendência de redução nos valores de excedente hídrico para o solo.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em 2021, em plena época da colheita da primeira safra no sul do Brasil, os preços reagem após um recuo em dezembro de 2020. A elevação dos preços nos dois primeiros meses foi de 9,1% (Figura 1), com registro de R\$78,00/sc de 60kg em fevereiro. Nos demais estados, os valores seguiram a mesma trajetória de alta. O mercado de milho pode estar se consolidando em um novo patamar de preços, com maior impacto do mercado internacional na definição dos preços. Por outro lado, a variação entre as cotações dos preços do Mato Grosso e Santa Catarina aumentou, o que poderá favorecer a vinda de maior quantidade do cereal daquele estado para o sul do Brasil.

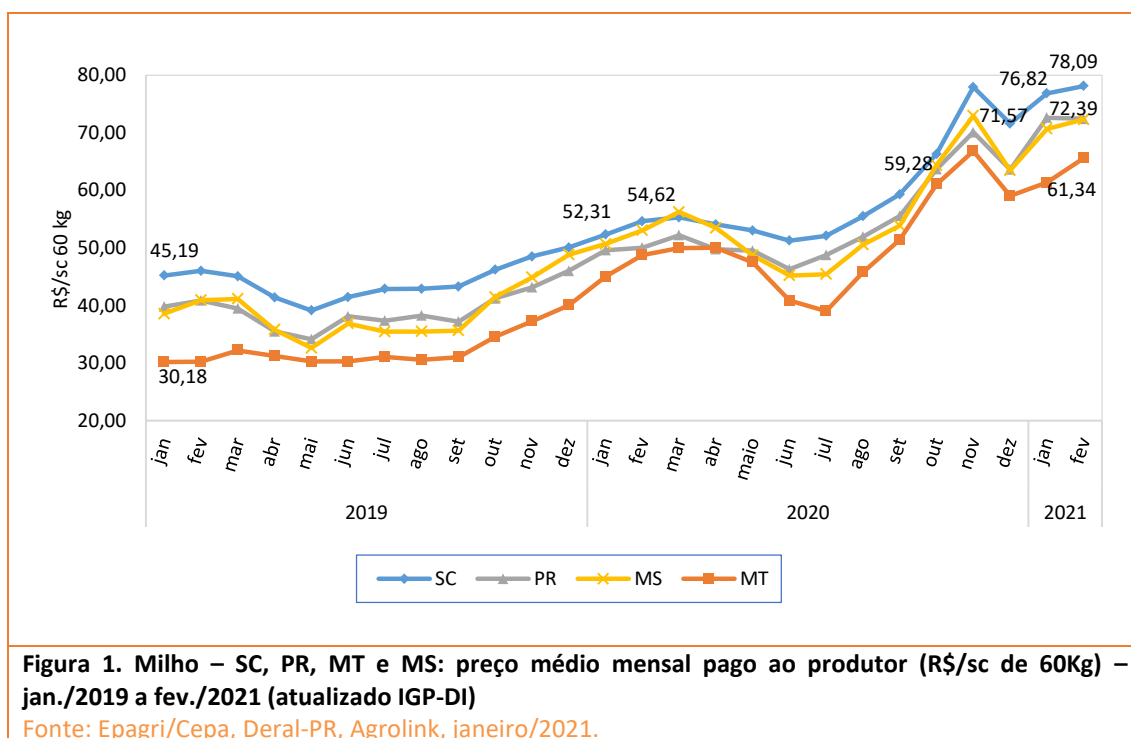


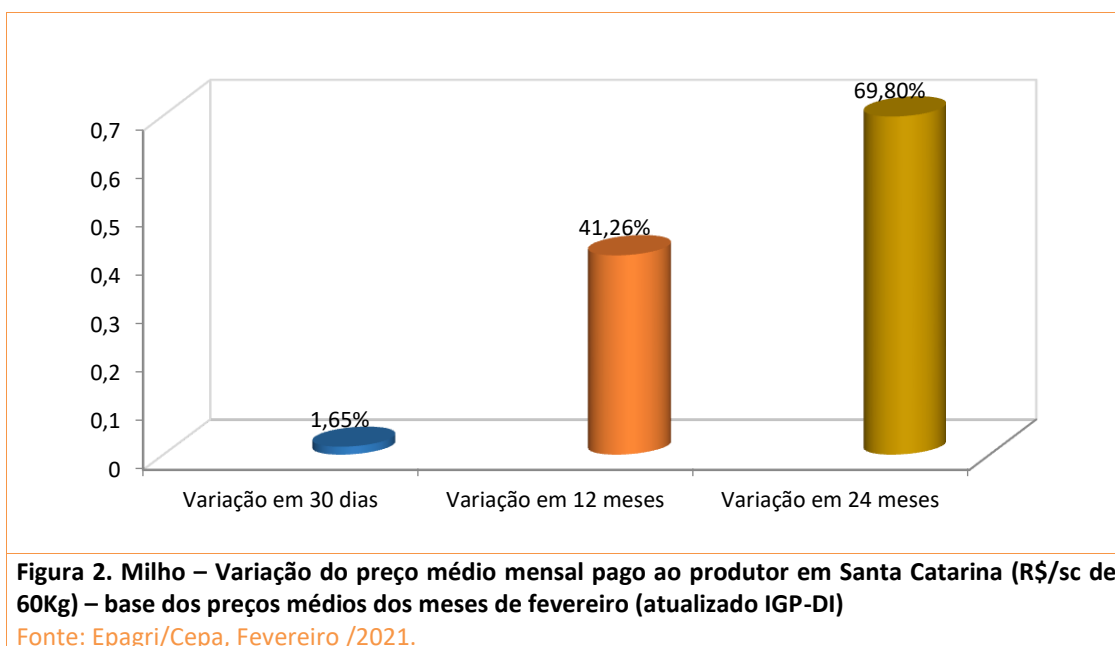
Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – jan./2019 a fev./2021 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink, janeiro/2021.

Mercado: fatores que influenciaram e tendências

- A anomalia climática impactou na redução das estimativas iniciais de produção para a primeira safra do Sul do Brasil;
- No Brasil, a expectativa é de que o suprimento deverá ser ajustado à demanda até o final do primeiro semestre de 2021;
- Os preços devem se manter altos até a entrada da segunda safra no Brasil em julho, que representa mais de 75% do total da produção nacional;
- Os preços só devem apresentar alguma retração caso o dólar perca força em relação ao real, viabilizando, assim, as importações em 2021.

A variação dos preços nos últimos 12 e 24 meses mostra a forte elevação nas cotações do cereal considerando os preços relativos ao valor médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina (Figura 2). Em 12 meses a elevação foi de 41% e, em 24 meses cerca de 70%, o que reflete o contexto do mercado internacional dos grãos. O Índice ESALQ / BM & FBovespa do milho (Campinas, SP) no dia 25 de fevereiro fechou a R\$ 85,59 (15,55 USD)/saca, maior nível nominal da série do Cepea¹. Na Bolsa de Chicago, as cotações desde início do ano superaram os 5,50 USD/buschel (contrato para maio de 2021, cotação em 16 de março de 2021²), valores recordes desde 2013. Alguns analistas afirmam que, já estamos vivendo um novo “boom” das commodities agrícolas, a exemplo do período de 2005 á 2014. A pandemia reforçou a preocupação com a segurança alimentar, os grãos, se constituem a matéria prima para produção de alimentos.



Acompanhamento da safra 2020/2021 em Santa Catarina

A irregularidade climática marca a atual safra. A estiagem prolongada em setembro e outubro de 2020 ocasionou perdas de aproximadamente de 20% na produção esperada. No início do ano, novas perdas são registradas, agora pelo ataque de cigarrinha e complexo de doenças associadas. O prognóstico inicial estava em 2,9 milhões de toneladas, no atual relatório está em 2,07 milhões, o que significa uma redução superior a 800 mil toneladas. As perdas são diferenciadas entre as microrregiões do estado, sendo que, Chapecó e São Miguel do Oeste registram as maiores reduções no rendimento e produção. O acompanhamento de safra, realizado pela Epagri/Cepa, atualiza mensalmente as informações da área, produção e rendimento de milho em cada município que compõe as estimativas regional e estadual (Tabela 1). Até o fechamento da safra, em junho, os números poderão sofrer alterações.

¹ <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/milho.aspx>.

² <https://br.investing.com/commodities/us-corn>

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: estimativas da produtividade média estadual (inicial – setembro de 2020) e fevereiro/2021

MRG	Área plantada inicial (ha)	Prod. méd. inicial (kg/ha)	Qtd. prod. inicial (t)	Área plantada (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	7.759	6.716	52.112	7.759	6.191	48.039
Blumenau	1.815	4.669	8.474	1.865	4.367	8.145
Campos de Lages	31.910	6.910	220.510	32.310	7.222	233.358
Canoinhas	31.900	10.065	321.060	31.900	8.114	258.850
Chapecó	43.920	8.989	394.797	44.065	4.297	189.355
Concórdia	22.650	7.561	171.266	13.170	6.113	80.511
Criciúma	7.086	6.901	48.900	7.086	6.531	46.280
Curitibanos	26.065	10.424	271.710	27.065	8.005	216.660
Florianópolis	6	3.333	20	6	3.167	19
Ituporanga	10.550	7.418	78.260	10.550	7.835	82.660
Joaçaba	65.790	8.922	586.972	66.915	6.506	435.366
Joinville	356	5.529	1.968	326	5.661	1.845
Rio do Sul	18.780	7.210	135.398	18.830	7.203	135.626
São Bento do Sul	3.700	9.365	34.650	3.700	7.630	28.230
São Miguel do Oeste	28.958	8.472	245.324	17.108	3.615	61.838
Tabuleiro	2.410	5.826	14.040	2.410	4.996	12.040
Tijucas	1.855	5.046	9.360	1.855	4.755	8.820
Tubarão	5.015	6.370	31.947	5.015	6.158	30.881
Xanxerê	26.680	10.406	277.622	23.720	8.415	199.609
Total Geral	337.205	8.613	2.904.390	315.655	6.584	2.078.132

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, fevereiro/2021.

Acompanhamento da safra

O ritmo da colheita no estado está em torno de 68% da área cultivada se encontra finalizada na primeira semana de março. O percentual de colheita se encontra em diferentes fases entre as regiões. As regiões do litoral já encerraram a colheita. Na região dos campos de Lages a colheita está no início, cerca de 5%, com calendário tardio de plantio. As regiões do meio Oeste, Joaçaba está com 50% da área colhida (Figura 3). O ritmo de colheita diminui em alguns momentos em função do direcionamento das máquinas para as lavouras de soja.

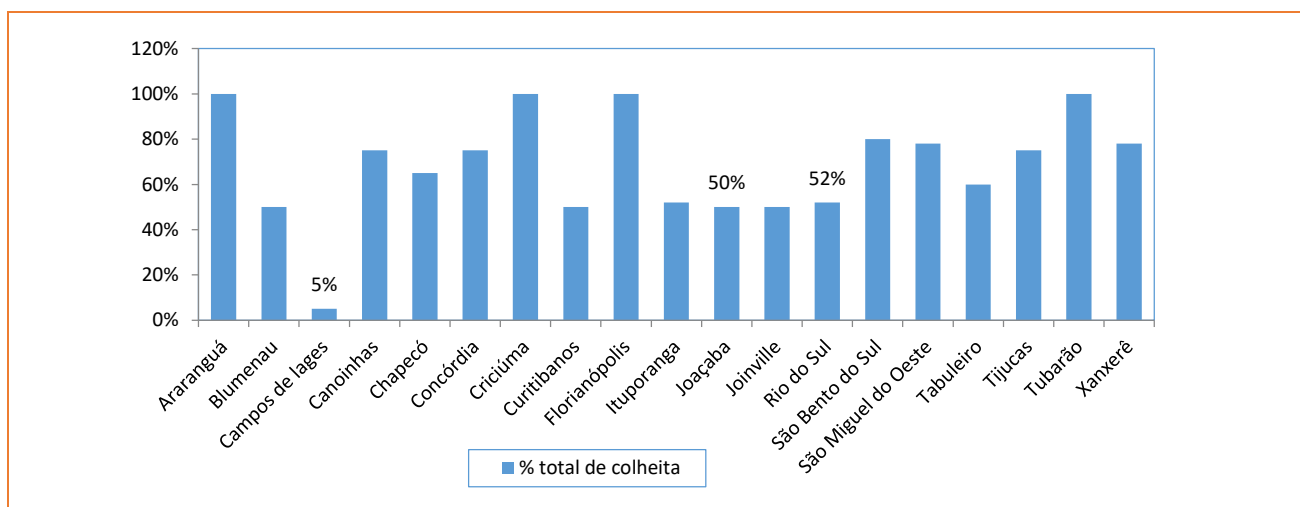


Figura 3. Milho: Santa Catarina – estágio de desenvolvimento da primeira safra, % total da colheita na primeira semana de março nas microrregiões do estado

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, março/2021.

Importações de milho

As importações de milho pelo Brasil estão estabilizadas desde o ano de 2017, se mantendo em cerca de 1,35 milhões de toneladas anuais. Em Santa Catarina, somados os últimos dois anos, os volumes importados ultrapassaram a um milhão de toneladas. Em 2021, o Brasil já importou 567 mil toneladas, o que representa mais de 40% do volume adquirido em 2020 (Figura 4). O Paraguai é o principal fornecedor. Em 2020, Santa Catarina importou 424 mil toneladas, agora, em 2021, os volumes necessários para o suprimento interno deverão ser bem superiores em função da quebra da safra catarinense.

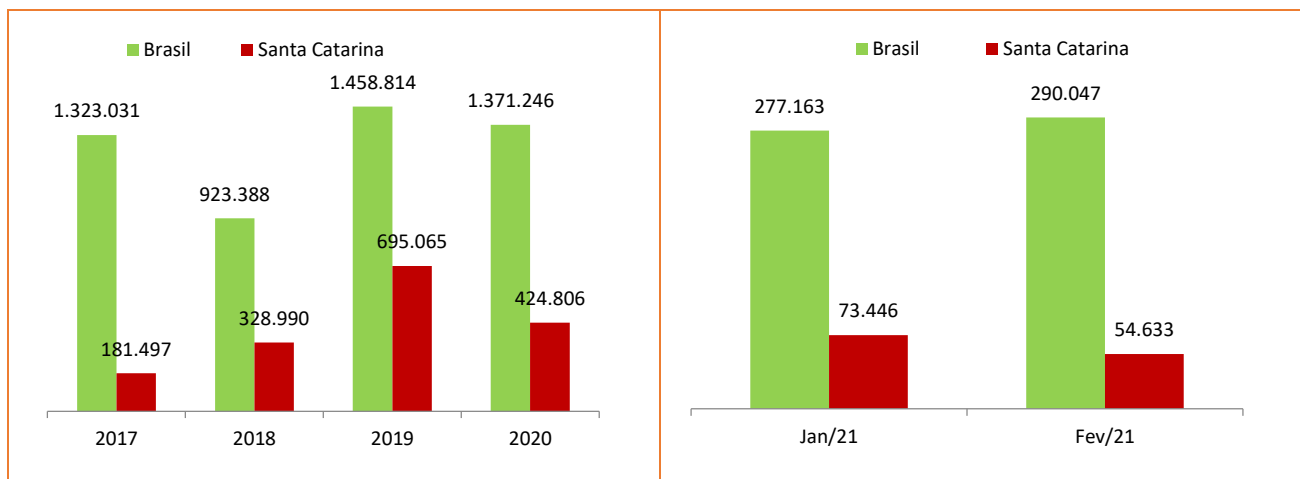


Figura 3 A (esquerda) Milho: evolução das importações de milho pelo Brasil, de 2017 a 2020

Figura 3 B. evolução das importações de milho pelo Brasil em 2021 – toneladas

Fonte: ME Comex-stat, março de 2021, Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, dezembro/2020.

Safra nacional³

Para a safra 2020/21, a CONAB atualiza expectativa de produção total para 105,4 milhões de toneladas, ou seja, aumento superior em 5,2% à safra 2019/20 (Figura 4). Para os dados de consumo doméstico total, a Conab eleva suas projeções para 72,14 milhões de toneladas, safra 2020/21, aproximadamente 0,5% superior à divulgação de janeiro de 2021. Esse ajuste se deve ao bom desempenho das exportações brasileiras e a expectativa de aumento da produção doméstica de proteína animal. Por outro lado, a Conab mantém inalteradas suas projeções de importação (um milhão de toneladas) e exportação (35 milhões de toneladas) de milho para a safra 2020/21. As importações devem superar um milhão de toneladas, principalmente devido à quebra da safra do Sul do Brasil e ao atraso do plantio da segunda safra. Em relação aos estoques, há um aumento em relação aos números anteriores, demonstrando que existe o cereal no Brasil, porém, mal distribuído entre as regiões.

³ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº6 – sexto levantamento | março 2021.



Safra mundial, destaque no relatório USDA de março 2021⁴.

A produção global de milho aumentou em relação ao mês passado devido às colheitas maiores em Bangladesh, Índia e África do Sul do Sul, apesar da diminuição da produção no México e na Rússia.

- O comércio global está em alta com o aumento das exportações de países como a Índia, África do Sul e Vietnã.
- Preço médio da fazenda/produtor na temporada dos EUA permanece inalterado em \$ 4,30 por bushel.
- A melhora das condições do clima e chuvas regulares na América do Sul amenizou um pouco a preocupação da redução mais significativas da safra atual.

⁴ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 14 February 2021.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços médios mensais pagos ao produtor no estado apresentaram forte variação ao longo dos últimos seis anos. Em relação as cotações nominais, os valores oscilaram, em grande parte do período, entre R\$60,00 e R\$80,00/sc de 60kg. A menor cotação registrada foi em abril de 2017, com valor de R\$57,27/sc, enquanto a maior foi em novembro de 2020, registro de R\$160,52/sc. Em 2020, o comportamento dos preços foi completamente atípico. A média dos preços corrigida no período está em R\$106,00/sc. Os valores mensais corrigidos oscilaram em torno desta média até o mês de fevereiro de 2020. Após este período, as cotações mudaram de patamar, com uma elevação consistente, impulsionada pela desvalorização do real e forte demanda do mercado chinês, principalmente. Em relação aos valores atualizados pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI)⁵.

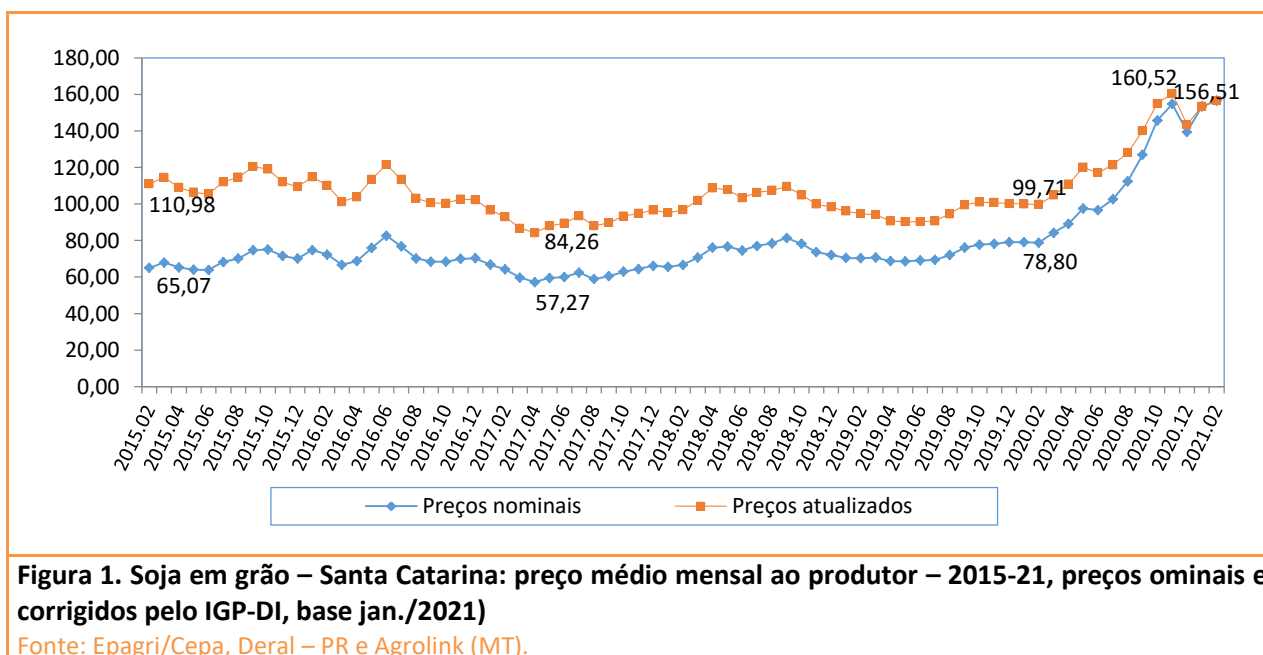


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2015-21, preços ominais e corrigidos pelo IGP-DI, base jan./2021)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

A soja continua com os preços fortalecidos na Bolsa de Chicago desde início do ano, ultrapassando, em vários momentos o patamar de US\$14/buschel, que representa valores acima dos U\$30,0/sc de 60kg. Em fevereiro oscilou entre US\$13,45 e 14,15/buschel, contrato para maio 2021.

As cotações internacionais são impulsionadas pela demanda Chinesa, estoques mundiais baixos e a expectativa de plantio da safra Norte Americana.

⁵ O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) subiu 2,71% em fevereiro. Com este resultado, o índice acumula alta de 5,69% no ano e de 29,95% em 12 meses.

Os preços da soja registraram forte oscilação no mercado brasileiro na primeira quinzena de março, influenciados tanto pela flutuação do dólar quanto pela divulgação de relatórios de oferta e demanda da USDA⁶.

Safra catarinense 2020-21

A estimativa de janeiro de 2021 indica o cultivo de 661,06 mil hectares de soja na primeira safra, com produção prevista de 2,26 milhões de toneladas, 6,4% inferior do prognóstico inicial devido aos fatores climáticos que reduziram a expectativa de rendimento (Tabela 1). Neste ano, o prognóstico considera as áreas de cultivo para a primeira e segunda safras separadamente. As boas condições climáticas em dezembro e janeiro devem manter uma produção satisfatória na primeira safra.

Tabela 1. Soja – Primeira safra – Santa Catarina: estimativa inicial e atual (fev./2021)

MRG	Área Plantada inicial (ha)	Prod. média inicial (kg/ha)	Qtd. prod. inicial (t)	Área plant. (ha)	Prod. média(kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	580	3.402	1.973	730	3.181	2.322
Campos de lages	62.540	3.319	207.582	65.340	3.478	227.257
Canoinhas	138.400	3.804	526.491	140.600	3.338	469.310
Chapecó	80.825	3.385	273.603	79.470	2.888	229.538
Concórdia	6.055	3.790	22.946	6.170	3.740	23.076
Criciúma	4.440	3.542	15.728	4.440	3.252	14.441
Curitibanos	111.220	4.151	461.703	111.220	3.933	437.448
Ituporanga	8.350	3.505	29.268	8.350	3.205	26.763
Joaçaba	52.960	3.718	196.888	52.960	3.602	190.766
Rio do Sul	5.615	3.440	19.316	5.585	3.216	17.960
São Bento do Sul	11.300	3.612	40.811	11.800	2.972	35.070
São Miguel do Oeste	35.459	3.789	134.364	35.329	3.026	106.909
Tubarão	650	3.200	2.080	650	2.980	1.937
Xanxerê	138.660	3.496	484.813	138.423	3.460	478.937
Total geral	657.054	3.679	2.417.566	661.067	3.421	2.261.734

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2020.

A estimativa inicial da segunda safra registra área cultivada de 39,3 mil hectares (Tabela 2). Portanto, a área total a ser cultivada com soja alcança 700 mil hectares na safra 2020/2021. Com o atraso no plantio de milho em função da estiagem prolongada, algumas áreas foram cultivadas com soja.

Tabela 2 Soja – Segunda safra – Santa Catarina: estimativa inicial (2021)

MRG	Área Plantada inicial (ha)	Prod. média inicial (kg/ha)	Qtd. prod. inicial (t)
Araranguá	385	3.345	1.288
Canoinhas	4.331	1.955	8.467
Chapecó	15.230	2.388	36.370
Concórdia	1.200	3.228	3.873
São Bento do Sul	180	1.856	334
São Miguel do Oeste	6.410	2.417	15.490
Xanxerê	11.600	2.269	26.320
Total geral	39.336	2.342	92.142

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2021.

⁶ <https://www.cepea.esalq.usp.br/en/brazilian-agribusiness-news/prices-swing-widely-in-the-brazilian-market.aspx>

Acompanhamento Safra

O ritmo da colheita da safra de soja de verão tem comportamento distinto entre as regiões. Na região Campos de Lages, registra o início da colheita, com 5% concluído até início de março. As regiões de Chapecó e Xanxerê alcançam 90% da colheita da área cultivada (Figura 2). No geral, a colheita no estado está em média 42% da área cultivada na primeira safra. Com o tempo mais seco no início de março, os serviços de colheita seguem em ritmo mais intenso. Os rendimentos médios oscilam muito entre as áreas acompanhadas e, entre municípios por conta dos tipos de variedades plantadas, época do plantio e controle fitossanitários diferenciados.

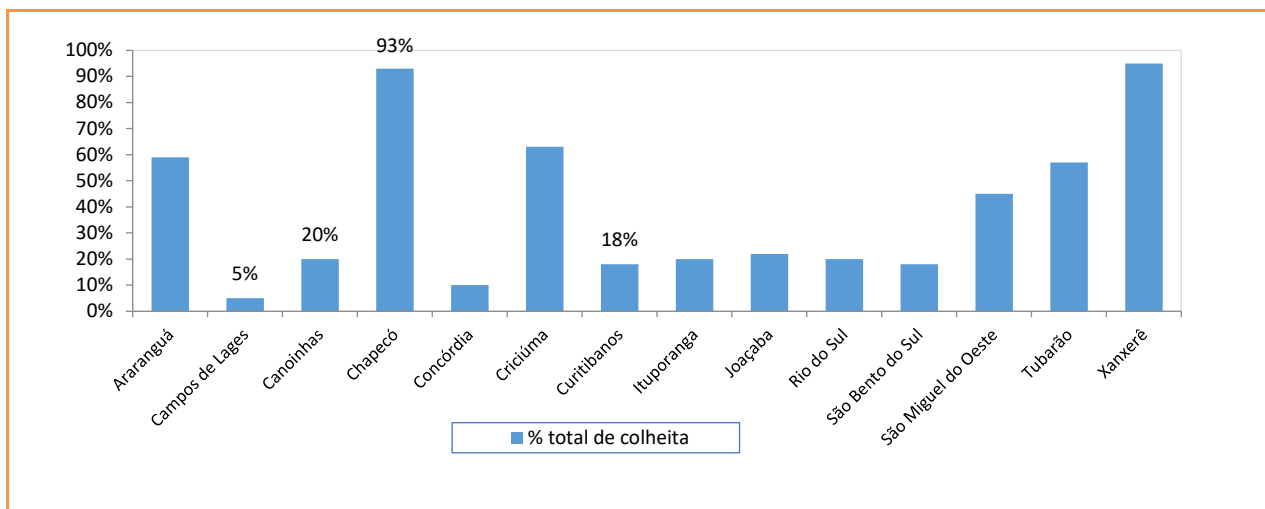


Figura 2. Soja - segunda safra - Santa Catarina: Estimativa inicial (2021)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2021.

Cenário Nacional da Safra 2020/2021⁷.

A expectativa para a safra 2020/21 é de continuidade no crescimento da área plantada da oleaginosa, atingindo 4,1% em comparação à safra anterior, estimada em 38,46 milhões de hectares (Figura 3). Em outubro foram registradas precipitações abaixo das médias históricas em praticamente todos estados produtores da oleaginosa, especialmente os da Região Centro-Oeste, maior produtora nacional. A partir de dezembro e durante janeiro ocorreram precipitações mais volumosas, propiciando condições mais adequadas para o encerramento do plantio e o desenvolvimento das lavouras nas diversas regiões. Assim é esperada produção recorde de 135 milhões de toneladas, representando incremento de 8,2% em relação à safra 2019/2020.

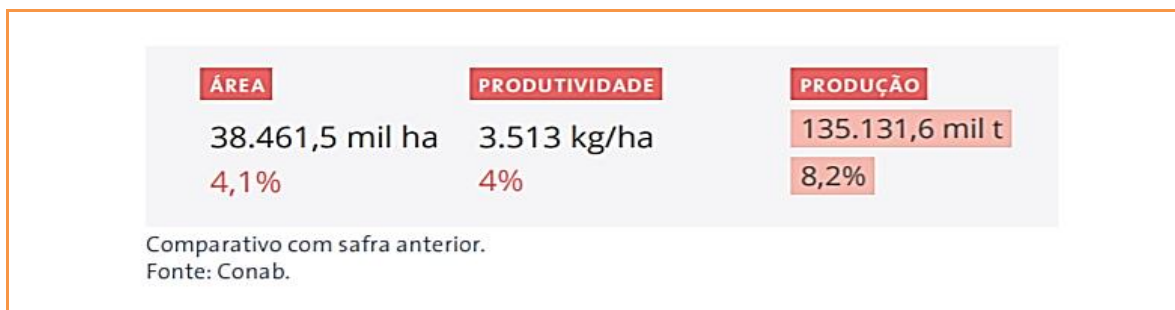


Figura 3. Soja – Brasil: previsão de plantio, produtividade e produção para a safra 2020/21 e comparativo com a safra 2019/20

Fonte: CONAB, fevereiro/2021.

⁷ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº4 – quinto levantamento | fevereiro 2021

Safra e mercado mundial

No relatório de março, o USDA mantém basicamente os números da produção mundial. Observa-se que, o volume total da produção da safra atual, 2020/21 é semelhante aos de 2018/19 (Tabela 3), o consumo no mesmo período cresceu mais de 4%⁸, o que reflete na retração dos estoques mundiais, um dos fundamentos para a manutenção dos preços fortalecidos em 2021.

Tabela 3. Soja – Global: Previsão da produção mundial de soja para a safra 2020/21 e comparativo com a safras anteriores

Production	2016/17	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21	2020/21
Brazil	114,900	123,400	119,700	128,500	133,000	134,000
United States	116,931	120,065	120,515	96,667	112,549	112,549
Argentina	55,000	37,800	55,300	48,800	48,000	47,500
China	13,596	15,283	15,967	18,100	19,600	19,600
Índia	10,992	8,350	10,930	9,300	10,500	10,700
Paraguay	10,418	11,046	8,520	9,900	10,250	10,200
Canadá	6,597	7,717	7,417	6,145	6,350	6,350
Other	21,425	20,175	22,695	21,583	20,830	20,925
Total	349,856	343,836	361,044	338,995	361,079	361,824

Fonte: USDA, relatório março, 2021.

⁸ Foreign Agricultural Service/USDA 14 March 2021 Global Market Analysis.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

A produção de alho em Santa Catarina se caracteriza historicamente por ser realizada em sua maior proporção por pequenos produtores familiares. Porém, independentemente do tamanho da propriedade, essa é uma atividade em que os produtores têm se especializado, tanto na infraestrutura produtiva com equipamentos para irrigação, no manejo da cultura e do solo. Também tem contribuído para significativos avanços produtivos o uso de materiais mais adaptados às regiões produtoras e, livre do vírus. Além dos avanços técnico-produtivos, mais recentemente começam a dar bons resultados, experiências bem sucedidas na organização cooperativa para a comercialização da produção, como é o exemplo da Cooperativa COPAR do município de Frei Rogério.

Preço

Em fevereiro, no mercado atacadista da CEAGESP, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado, na primeira semana, a R\$14,25/kg, fechando o mês em R\$15,82/kg, aumento de 11,01% no mês. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$17,23/kg para R\$17,78/kg, representando aumento de 3,19%, e o alho classe 7 fechou fevereiro ao valor de R\$19,80/kg, com aumento de 2,16% no mês.

No primeiro decênio de março os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram aumento em relação ao final do mês de fevereiro, com variação para o alho classe 5 de 2,16%, de 5,01% para o classe 6 e de 2,72% para o alho classe 7.

O preço do alho chinês no atacado, em fevereiro, se manteve com preço estável de R\$15,00/kg. Por outro lado, o alho argentino, cuja entrada se acentua nesse período, os preços se mantiveram desde o início do mês, em valores próximos a R\$11,12/kg, R\$13,09/kg e R\$14,61/kg para as classes 5, 6 e 7, respectivamente. Nesse sentido é importante ressaltar o bom posicionamento do alho brasileiro no mercado nacional com valores bem acima de concorrentes tradicionais, como os alhos de procedência da Argentina e China. Esta aceitação do consumidor expressa a qualidade superior do produto nacional.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho nobre nacional teve aumento no mês de fevereiro. O alho classes 4 e 5, que iniciou o mês de fevereiro a R\$12,00/kg, fechando o mês a R\$14,00/kg, representando aumento de 16,66%. No mesmo período, o alho classes 6 e 7 subiu de R\$13,50/kg para R\$17,00/kg, com aumento de 25,92%.

Em relação à comercialização da safra catarinense 2020/2021, embora a conjuntura do mercado favoreça os produtores, o ritmo permanece “lento” em função da estratégia de muitos produtores em buscar melhores preços nos próximos meses. Também está contribuindo para essa situação as consequências da pandemia do Corona Vírus, que de certa forma desarticula os agentes de mercado.

No mês de fevereiro, de acordo com a EPAGRI/CEPA, o preço médio pago ao produtor para o alho classes 2 e 3 foi de R\$6,56/kg, representando aumento de 10,16% em relação a janeiro. Para o alho classes 4 e 5 o preço médio foi de R\$ 8,97/kg, aumento de 12,68% e para o alho classes 6 e 7 o preço médio foi de R\$11,14/kg, aumento de 11,84%.

Produção

Quanto ao andamento da safra, 100% das lavouras já foram colhidas e o produto está em processo de cura, armazenamento, classificação e comercialização e se estima que pouco mais de 30% da produção catarinense já tenha sido comercializada.

Como registrado em edições anteriores, apesar dos problemas climáticos ocorridos no desenvolvimento da safra, a condição de sanidade das lavouras foi considerada boa, em 80% da área plantada no estado, com produção de bulbos de excelente qualidade, embora de menor calibre. Nos 20% restantes da área plantada, as condições foram consideradas de média a ruim, em consequência da severidade das perdas pela ocorrência de granizo, vendavais e falta de chuvas. Desta forma, a safra apresenta produção de maior percentual de bulbos de calibre menor em relação a uma safra considerada normal, acarretando menor valor comercial da hortaliça. Dessa forma, apesar das intempéries ocorridas em praticamente todo o ciclo de desenvolvimento da cultura, a safra de alho em Santa Catarina pode ser considerada boa para a maioria dos produtores.

Comércio exterior

Em fevereiro de 2021 foram importadas 14,58 mil toneladas, volume 3,37% inferior a fevereiro de 2020. Comparativamente, nos primeiros dois meses do presente ano as importações representam um volume de 26,34 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 35,5 mil toneladas, uma redução de 34,77% no período, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan/2017 a fev/2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26,34

Fonte: Comexstat/ME: março/2021.

Em fevereiro de 2021 o preço médio (FOB) do alho importado manteve tendência de recuperação em relação aos meses anteriores, porém, ainda está muito abaixo dos patamares do primeiro semestre de 2020. Em relação ao mês de janeiro, o mês de fevereiro aponta para aumento 10,57% no preço médio, que passou de US\$1,23/kg para US\$1,36/kg, conforme exposto na figura 1.

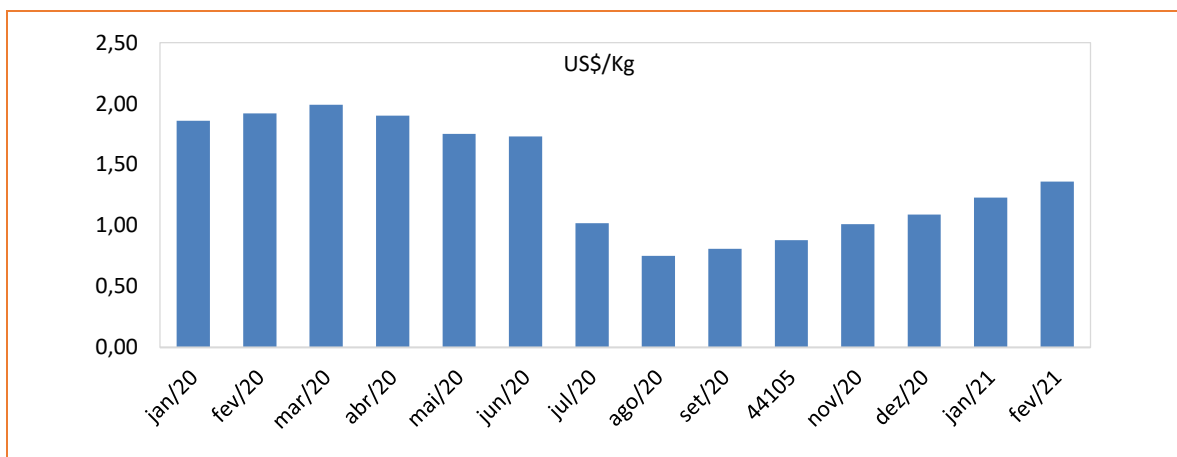
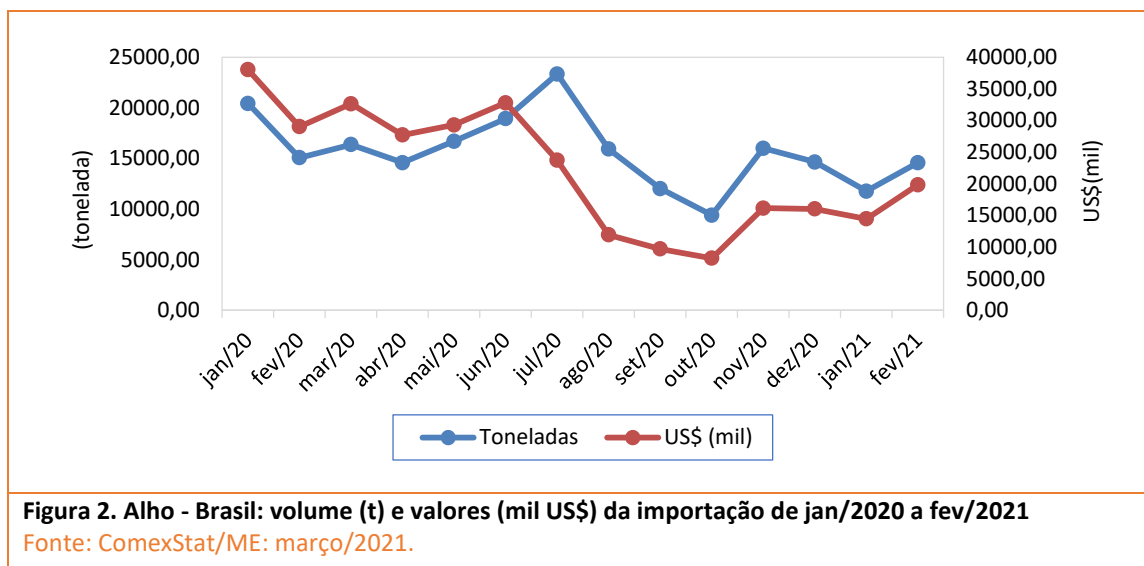


Figura 1. Alho – Brasil: evolução do preço médio (FOB) de importação – jan./2020 a fev./2021 (US\$/kg)

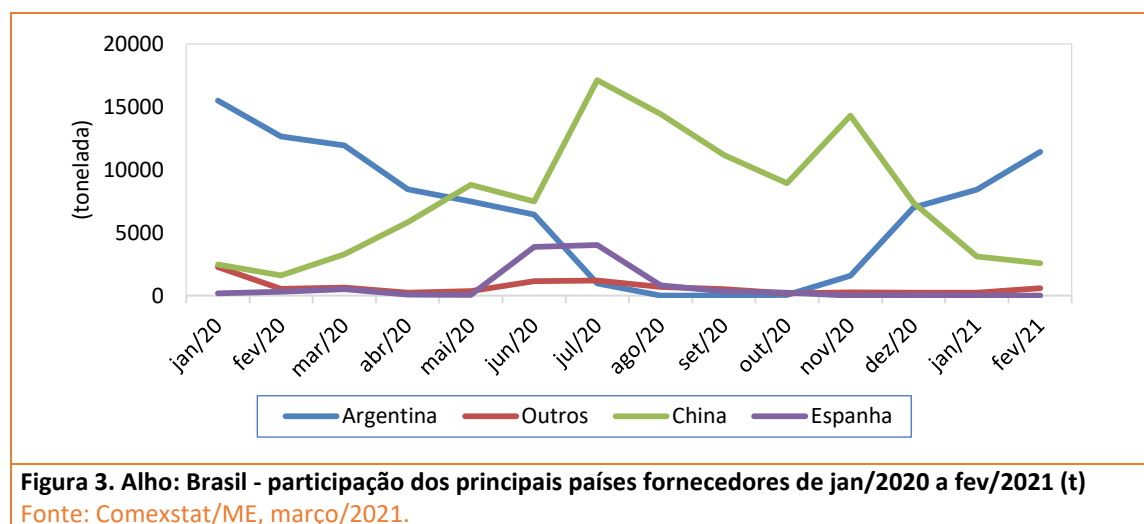
Fonte: ComexStat/ME: março/2021.

Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal, pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a fevereiro de 2021.

O desembolso com a importação da hortaliça no mês de fevereiro/21 foi de US\$19,84 milhões (FOB), indicando um crescimento de 37,30% em relação a janeiro de 2021. O volume importado foi de 14,57 mil toneladas, aumento de 23,89% no mesmo período.



Em fevereiro/21, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina, com 11,41 mil toneladas, representando 78,25% do total importado, a China, com 2,56 mil toneladas, 17,55% do total. A soma de outros países alcançou somente 0,6 mil toneladas, ou 4,2% do total, como indica Figura 3.



Não obstante aos desafios da cadeia produtiva, em função da importância socioeconômica da cultura do alho em Santa Catarina e no Brasil esforços articulados entre os setores públicos e privados para avançar na superação de alguns gargalos da cadeia produtiva, visto que o país já alcança bons desempenhos em produtividade e qualidade de produção. Nesse sentido o papel da EMBRAPA, EPAGRI e setor produtivo, dentre outros, são fundamentais.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola, iniciada nos meses de novembro e dezembro de 2020, segue em ritmo normal com preços acima do custo médio de produção. Apesar dos eventos climáticos extremos e as baixas precipitações reinantes em praticamente todo o ciclo de desenvolvimento da cultura, a safra pode ser considerada boa para a maioria dos produtores catarinenses.

Nesse sentido, as perdas foram significativas e são estimadas em aproximadamente 20% em relação às estimativas iniciais da safra 20/21. Dessa forma, Santa Catarina deixou de colher um volume superior a 100 mil toneladas de cebola e com o agravante de ter maior presença de bulbos de menor calibre, do tipo caixa 2, como já registrado em boletins anteriores. Por outro lado, as condições de baixa umidade durante o ciclo de desenvolvimento da cultura proporcionaram a produção de bulbos de boa sanidade que podem ser armazenados por mais tempo.

Preços e Mercado

O mercado da cebola, desde o início do ano se mantém com preços firmes, provocados pela menor oferta da safra sulista.

No mês de fevereiro os preços pagos ao produtor foram relativamente altos, permanecendo condições favoráveis à comercialização da safra catarinense, praticamente a única região produtora a abastecer o mercado nacional.

Nas principais praças de comercialização de Santa Catarina, como Ituporanga, Rio do Sul e Lebon Regis, a cebola foi comercializada no mês de fevereiro a valores que variaram de R\$2,00/kg a até R\$2,50/kg, dependendo da qualidade dos bulbos.

Na Ceagesp/SP, o mês de fevereiro iniciou com preço da cebola a R\$3,34/kg, valor que representa um aumento de 7,74% em relação aos preços praticados no final de janeiro. A partir da segunda semana do mês de fevereiro houve redução de preços, passando para R\$3,05/kg, fechando o mês a R\$3,03/kg, apresentando uma redução de 9,28% no mês.

Março iniciou com preços da hortaliça em alta no atacado paulista, atingindo no dia 01 o valor de R\$3,16/kg, o que representa um aumento de 4,29% em relação ao final do mês de fevereiro. Após a primeira semana, os preços tiveram baixas, fechando no dia 12/03 no valor de R\$2,9/Kg, que representa uma redução de 8,96% em relação ao início do mês. Nesse sentido contribuiu para a redução de preço a importação de cebola holandesa que no dia 12/03, foi comercializada a R\$2,30/kg.

É possível que o mercado esteja sendo afetado pelas condições impostas pelas restrições sanitárias em diversas regiões do país, desta forma reduzindo o volume de negócios e preços.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de fevereiro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,75/kg, valor que representa um aumento de 37,5% em relação ao início de janeiro. O mês de março iniciou com preço em alta, passando para R\$3,00/kg, indicando um aumento de 9,09% em relação ao início do mês de fevereiro, porém os preços voltaram ao patamar de R\$2,75/kg no dia 12/03.

Safra catarinense

De acordo com o levantamento de campo realizado pela Epagri/Cepa, a colheita da safra catarinense de cebola foi concluída. Apesar dos problemas climáticos ocorridos em praticamente todo o ciclo da cultura, a

safrinha catarinense de cebola apresenta bons resultados para a maioria dos produtores, visto que as perdas mais severas foram pontualmente localizadas. Por outro lado, a produção de bulbos com sanidade muito boa é uma das características positivas desta safra.

Em termos de comercialização da safra estima-se que aproximadamente 80% da produção já tenha sido comercializada.

Importação

Em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. O pico da entrada de cebola no Brasil ocorreu nos meses de abril, maio e junho, superando significativamente os mesmos períodos dos anos anteriores. Embora ainda pouco significativo em termos de volume, as importações deste ano já alcançam 15,71 mil toneladas maior volume dos últimos quatro anos para o período conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de 2018 a fevereiro de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15.718,8

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, março/2021.

O Brasil é um importante mercado para a produção de cebola de diversos países. Na tabela 2 são apresentados os principais países fornecedores da hortaliça em 2020, com os respectivos volumes, valores e preço médio FOB. Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado pelo país. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e, em terceiro, os Países Baixos, com 7,23% do total importado. O custo médio FOB foi de US\$0,21/kg, influenciado pelo preço da Argentina, que foi de US\$0,17/kg.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020

Países	Valor FOB (mil US\$)	Volume (t)	Valor US\$/kg
Argentina	26.244,2	155.098,9	0,17
Chile	8.782,1	23.142,5	0,38
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	0,35
Espanha	2.080,8	4.751,5	0,44
Nova Zelândia	118,2	234,0	0,51
Peru	49,5	122,0	0,41
Reino Unido	29,6	78,0	0,38
Bélgica	11,0	28,0	0,39
Total	42.291,9	197.756,7	0,21

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2021.

Em fevereiro, foram importadas 14,8 mil toneladas de cebola, cujo volume representa um significativo aumento em relação a janeiro. O desembolso total (FOB) foi de US\$3,77 milhões, como apresentado na Figura 1. Nesse sentido, o mercado interno aquecido viabilizou a entrada de cebola em volume aproximado ao importado em março de 2020, portanto antecipando a movimentação de produto nesse mercado.

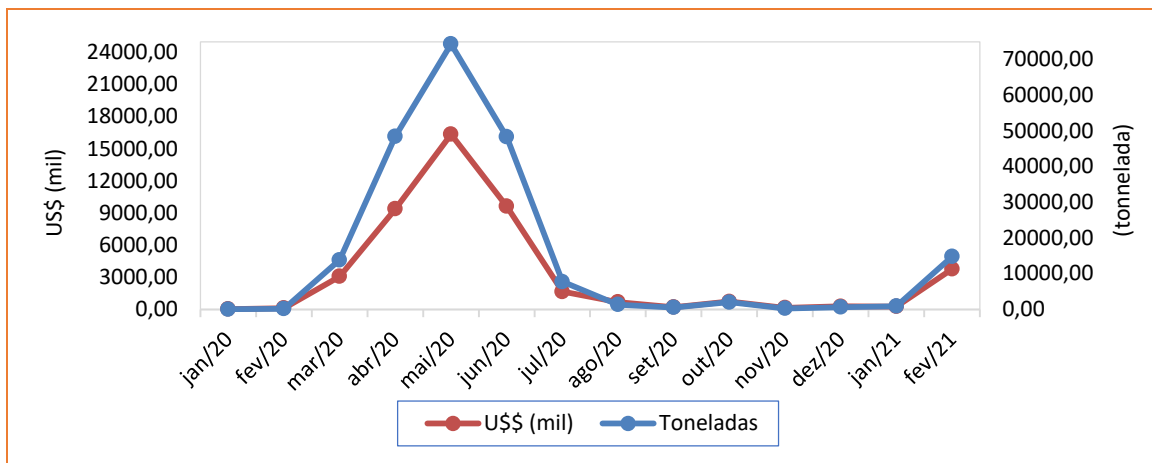


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a fev./2021

Fonte: ComexStat/ME, março/2021.

Os principais países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de fevereiro foram a Argentina com 10,5 mil toneladas, volume que representa 70,99% do total, a Holanda com 3,66 mil toneladas com 24,73% do volume total, a Espanha com 221 toneladas, com 1,49% do volume total, o Chile com 312 toneladas, 2,10% do volume total e outros com 103 toneladas, representando 0,69% do total importado, conforme identificado na Figura 2.

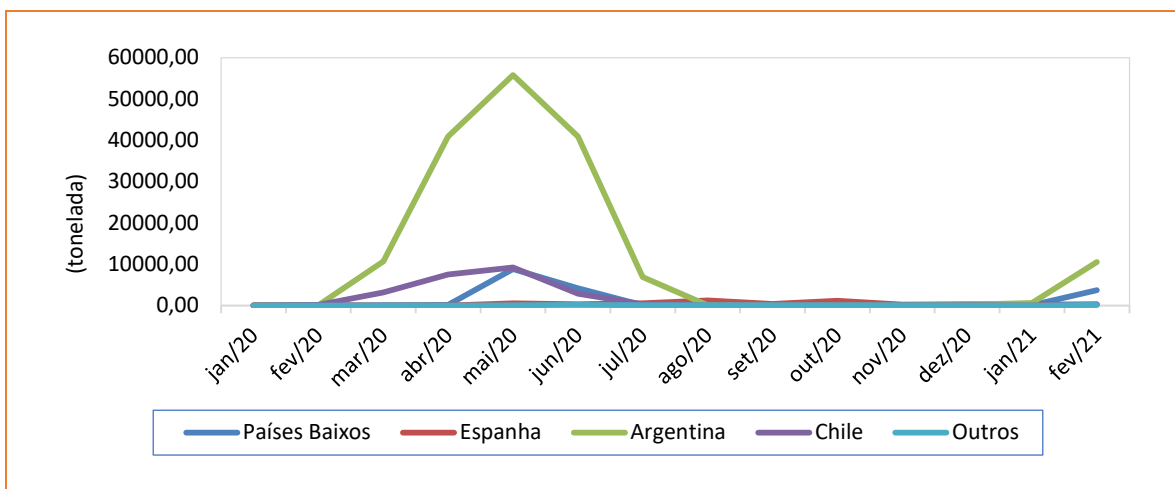


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2020-fev./2021

Fonte: ComexStat/ME, março/2021.

Por razões da expressiva participação de Santa Catarina como maior produtor nacional de cebola e as recorrentes perdas de produção que marcam a cadeia produtiva da hortaliça no estado, seja por intempéries à campo ou no pós colheita esforços importantes na pesquisa estão sendo viabilizados pela Epagri na Estação Experimental de Ituporanga no sentido de superar alguns gargalos, especialmente em perdas pós colheita.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do frango vivo seguem o movimento de alta iniciado no primeiro semestre de 2020, o qual foi brevemente interrompido entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021 em São Paulo. Os preços preliminares de março demonstram variações positivas em relação ao mês anterior nos três estados analisados: 6,2% em São Paulo, 2,6% em Santa Catarina e 2,2% no Paraná.

Na comparação com os preços praticados em março de 2020, as variações são significativas em todos os casos: 56,5% em São Paulo, 50,2% no Paraná e 27,7% em Santa Catarina.

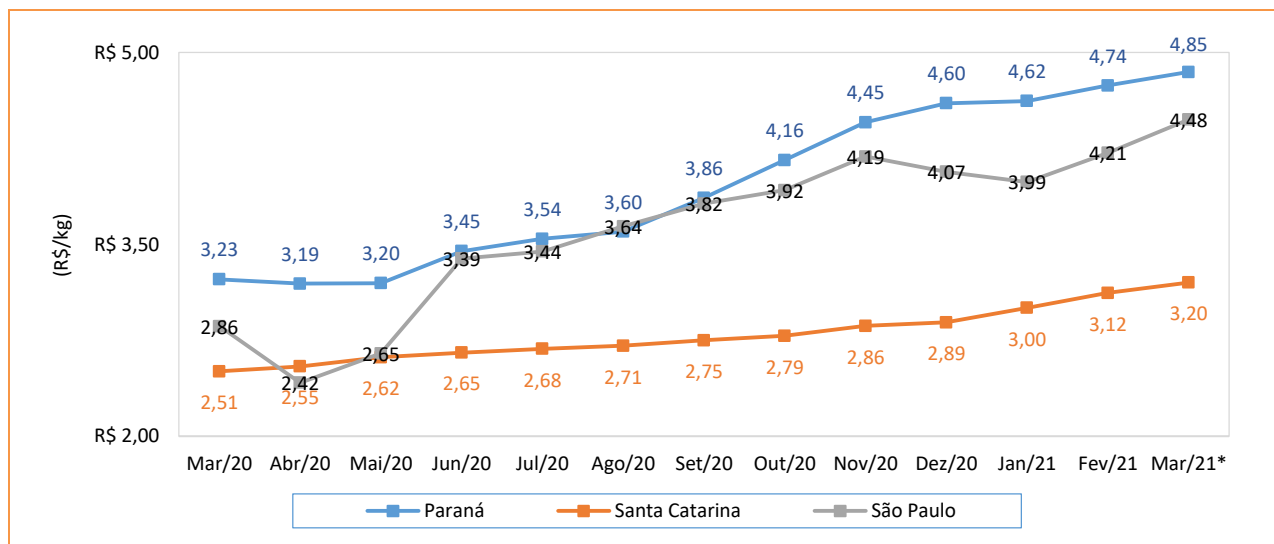


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

*Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, as três praças de levantamento de preços registraram altas nas primeiras semanas de março em relação ao mês anterior: 4,3% no Sul Catarinense, 2,9% em Chapecó e 0,3% em Joaçaba. Na comparação com os preços praticados no mesmo mês de 2020, as variações são expressivas em todas as praças: 46,0% em Chapecó, 28,8% no Sul Catarinense e 8,0% em Joaçaba.

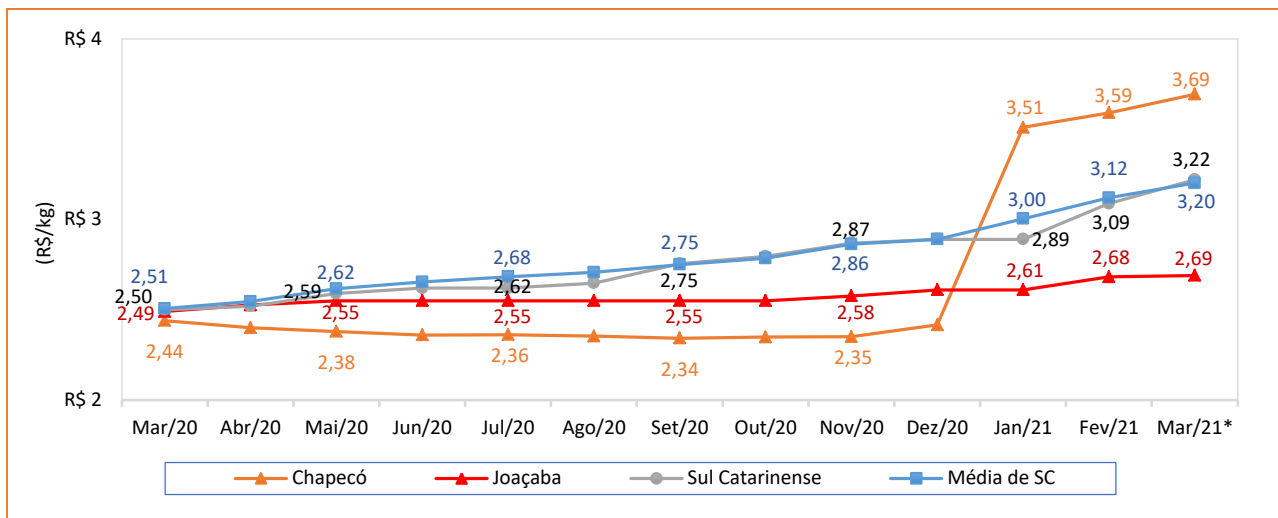


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas duas primeiras semanas de março, observaram-se pequenas quedas nos preços de atacado acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: frango inteiro congelado (-2,3%), peito com osso congelado (-1,9%), coxa/sobrecoxa congelada (-1,2%) e filé de peito congelado (-0,4%). A variação média foi de -1,4%.

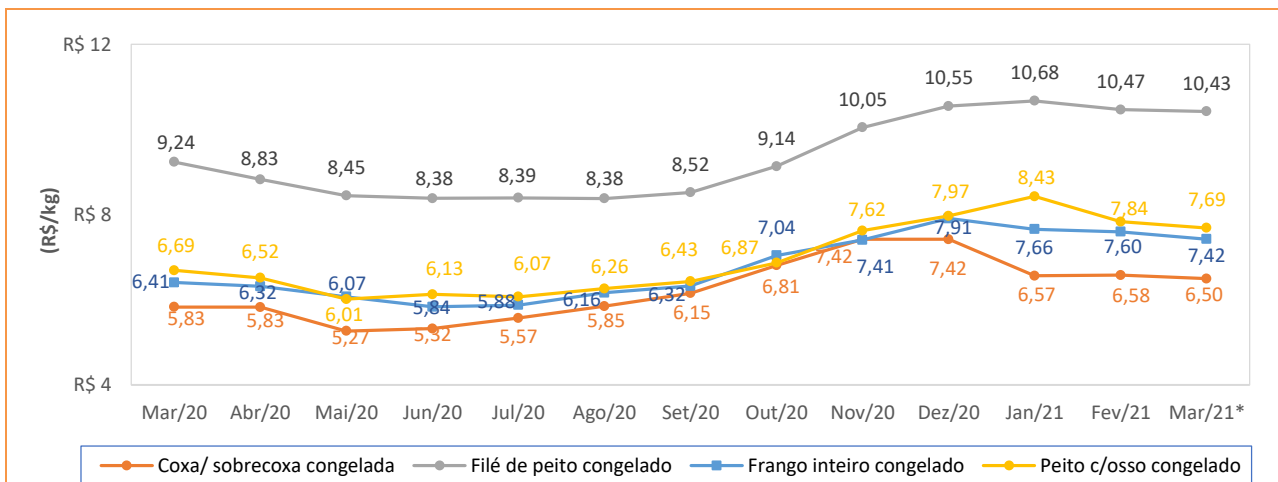


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Esse cenário de acomodação deve-se ao excedente de oferta no mercado, em função do baixo ritmo de exportações de janeiro (não obstante a melhoria nos embarques em fevereiro) e da descapitalização do consumidor, o que reduz a demanda por esse produto no mercado interno. Além disso, o retorno das restrições ao funcionamento de restaurantes e demais serviços de alimentação em diversos estados, em função do agravamento da pandemia, deve impactar o consumo desse produto.

Quando se comparam os valores preliminares de março com o mesmo mês de 2020, todos os cortes apresentam variações positivas: frango inteiro (15,9%), peito com osso (14,9%), filé de peito (12,9%) e coxa/sobrecoxa (11,5%). Na média, a variação foi de 13,8%.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) de fevereiro registrou alta de 6,9% em relação ao mês anterior. Nos últimos doze meses, a variação foi de 48,3%, impulsionada pela elevação dos custos com nutrição (44,4%).

Assim como já havia sido observado em fevereiro, a relação de equivalência insumo-produto apresentou queda nas primeiras semanas de março (-1,8%), resultado decorrente da alta no preço do frango vivo (2,9%), parcialmente compensada pela elevação no preço de atacado do milho (1,0%). Na comparação com março de 2020, o valor atual da relação de equivalência apresenta alta de 26,0%.

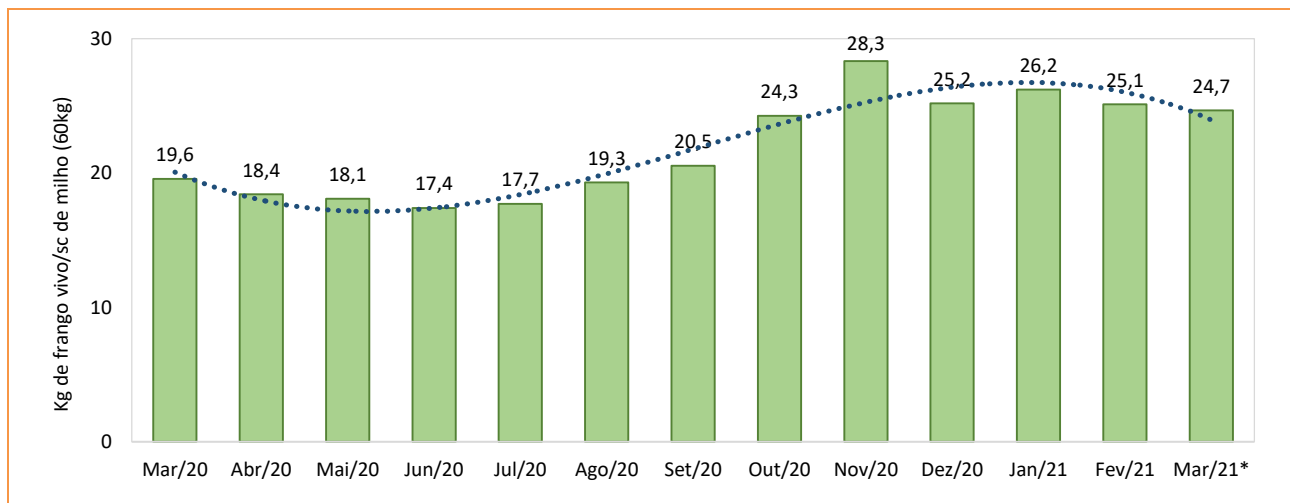


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho
Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.
* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/mar./2021.
Fonte: Epagri/Cepa.

O elevado custo de produção se mantém como preocupação central do setor avícola este ano. Depois do presidente da Aurora sinalizar a possibilidade de a cooperativa reduzir sua produção de frangos em 2021, agora foi a vez da Cooperativa Lar, com sede no Paraná, anunciar uma redução imediata de 10% no alojamento de pintinhos de corte, motivada pelos altos custos e pelas margens de operação negativas no mercado interno. Além da redução no número de animais alojados, a cooperativa também está adotando redução no peso de abate, o que deve resultar numa queda total de produção acima dos 10% anunciados. A expectativa é que outras empresas adotem medidas semelhantes nos próximos meses.

Segundo diversos analistas de mercado, o preço do milho, principal componente das rações para animais, deve se manter em patamares bastante elevados pelo menos até julho, quando chegam ao mercado os grãos colhidos na safrinha. Contudo, há análises que apontam que, mesmo assim, as quedas não devem ser muito expressivas.

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **339,79 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **20,1%** em relação ao mês anterior, mas queda de **0,9%** na comparação com fevereiro de 2020. As receitas foram de **US\$ 510,88 milhões**, alta de **20,5%** em relação a janeiro, mas queda de **6,7%** na comparação com fevereiro de 2020.

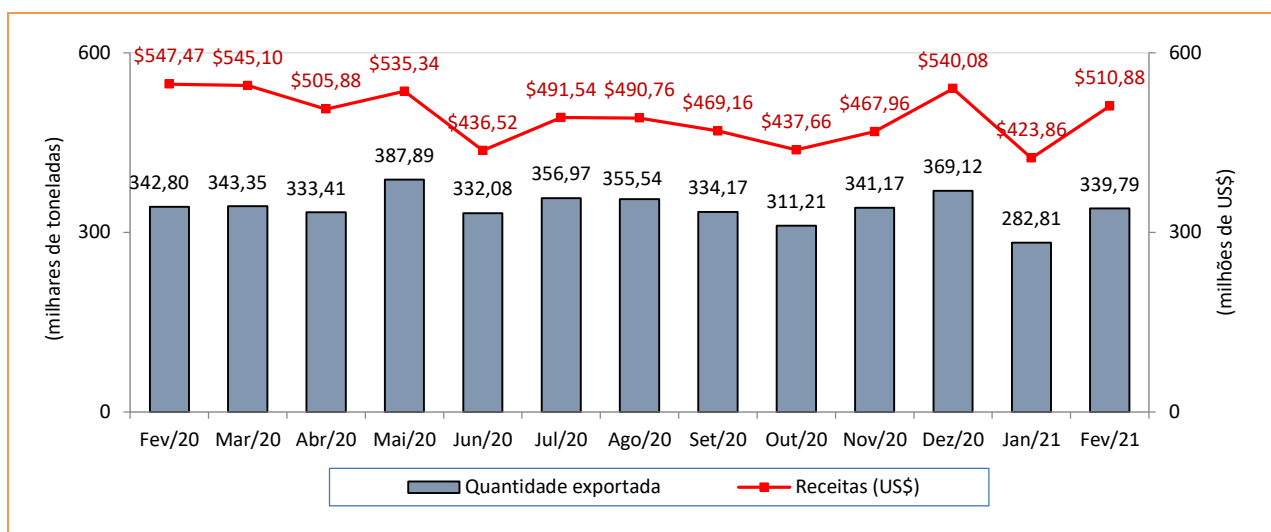


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

A boa performance das exportações da proteína em fevereiro ajudou a manter a liquidez no mercado doméstico e diminuir os estoques. Além disso, a desvalorização do real em relação ao dólar melhora a rentabilidade desse canal de comercialização e tem contribuído para amenizar os efeitos da elevação dos custos de produção para as agroindústrias.

No acumulado do 1º bimestre, o país exportou 622,60 mil toneladas, com receitas de US\$934,74 milhões, quedas de 5,6% e 12,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Reino Unido, responsáveis por 55,6% das receitas do período.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **80,89 mil toneladas** de carne de frango em fevereiro (*in natura* e industrializada), alta de **33,9%** em relação ao mês anterior, mas **8,1%** abaixo do montante embarcado em fevereiro de 2020. As receitas foram de **US\$129,78 milhões**, crescimento de **30,3%** em relação ao mês anterior, mas queda de **13,7%** na comparação com fevereiro de 2020.

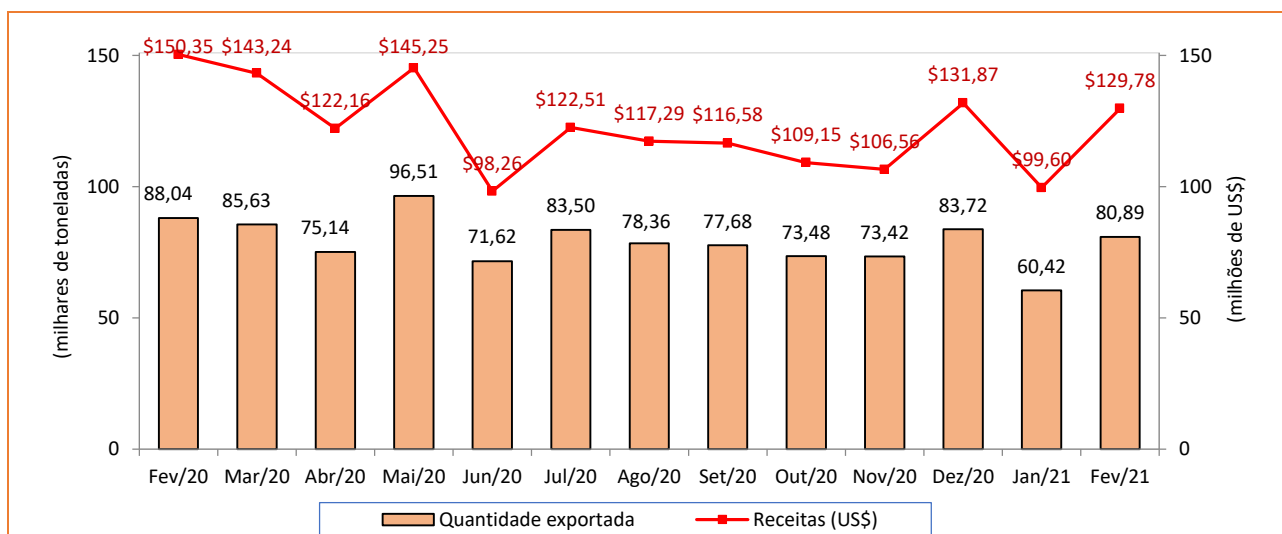


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em fevereiro foi de **US\$ 1.534/tonelada**, queda de **2,8%** em relação ao mês anterior e de **6,3%** na comparação com fevereiro de 2020.

No acumulado do 1º bimestre, Santa Catarina exportou **141,30 mil toneladas**, com receitas de **US\$229,38 milhões**, quedas de **14,8%** e **19,4%**, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,5%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense no 1º bimestre, os quais responderam por 60,9% das receitas e 55,0% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º bimestre/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	41.027.408,00	23.280
China	29.489.492,00	16.974
Arábia Saudita	24.613.996,00	13.701
Países Baixos (Holanda)	23.772.683,00	10.265
Emirados Árabes Unidos	20.675.164,00	13.444
Demais países	89.801.088,00	63.639
Total	229.379.831,00	141.303

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, seis registraram variação negativa nas receitas do 1º bimestre, quando comparadas ao mesmo período de 2020, com destaque para Japão (-18,2%), China (-35,1%) e Emirados Árabes Unidos (-13,2%). Variações positivas relevantes foram registradas nas receitas das exportações para Arábia Saudita (30,7%) e Países Baixos (26,0%).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

O início deste ano foi marcado pela retomada do movimento de alta nos preços do boi gordo, que havia sido interrompido em dezembro. Nas primeiras semanas de março, embora esse movimento tenha perdido intensidade, na maioria dos estados analisados neste boletim foram observadas variações positivas em relação ao mês anterior: 2,8% em Santa Catarina, 0,8% em São Paulo e no Rio Grande do Sul, 0,3% no Mato Grosso, 0,2% em Goiás e 0,1% em Minas Gerais. No Paraná não se registrou alteração nesse período, enquanto Mato Grosso do Sul apresentou queda de 0,2%.

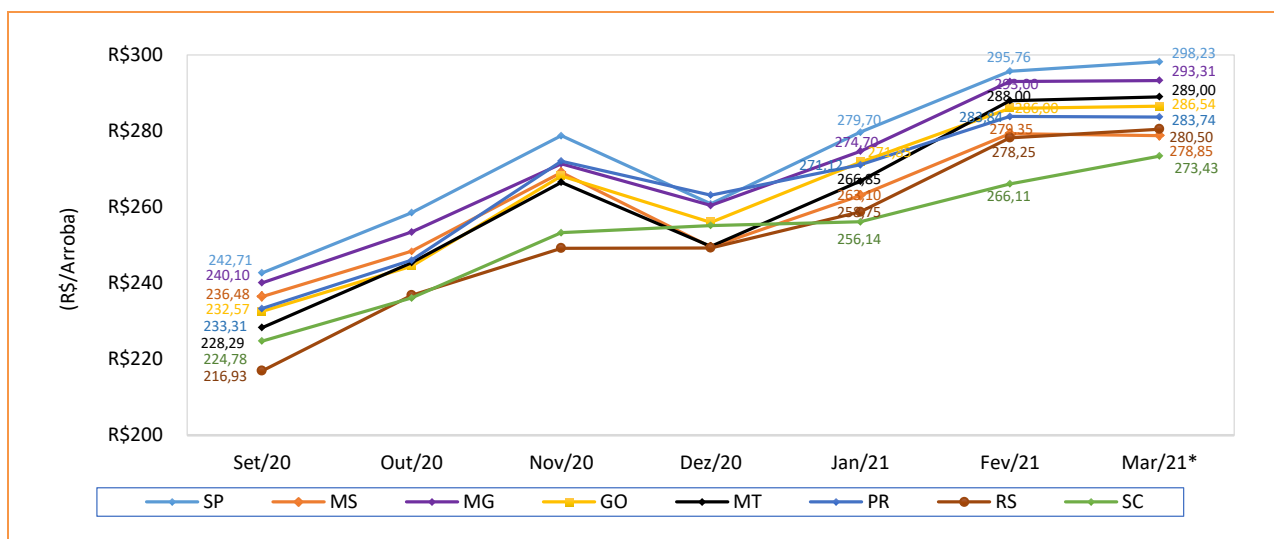


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

A redução no ritmo de alta deve-se, essencialmente, às limitações do mercado interno, fortemente afetado pela crise econômica e pelos elevados patamares de preço atingidos pela carne bovina. Além disso, a partir de meados de março começou a aumentar a oferta de animais criados a pasto, embora de forma ainda incipiente. Alguns analistas apontam que, por se tratar de um rebanho criado de forma extensiva, é possível que muitos produtores optem por reter os animais, caso haja queda nos preços.

Segundo o Rabobank, diante da baixa oferta, os preços de bovinos no Brasil devem continuar em alta no curto prazo. De acordo com relatório divulgado recentemente, não deve ser observado aumento significativo na oferta entre março e abril, resultando na continuidade dos altos níveis de preço.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em março de 2020, a variação segue bastante expressiva em todos os estados: 58,9% no Mato Grosso, 55,3% em Goiás, 54,6% em Minas Gerais, 54,3% no Mato Grosso do Sul, 51,3% em São Paulo, 50,2% no Paraná, 47,9% em Santa Catarina e 33,8% no Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina, o comportamento dos preços foi distinto nas duas praças de referência do boi gordo. Em Lages, registrou-se alta de 3,9% na comparação entre o preço preliminar das primeiras semanas de março e o mês anterior, enquanto em Chapecó o valor manteve-se inalterado no período. Por outro lado, em relação a março de 2020, as altas são significativas nos dois casos: 56,2% em Chapecó e 53,9% em Lages.

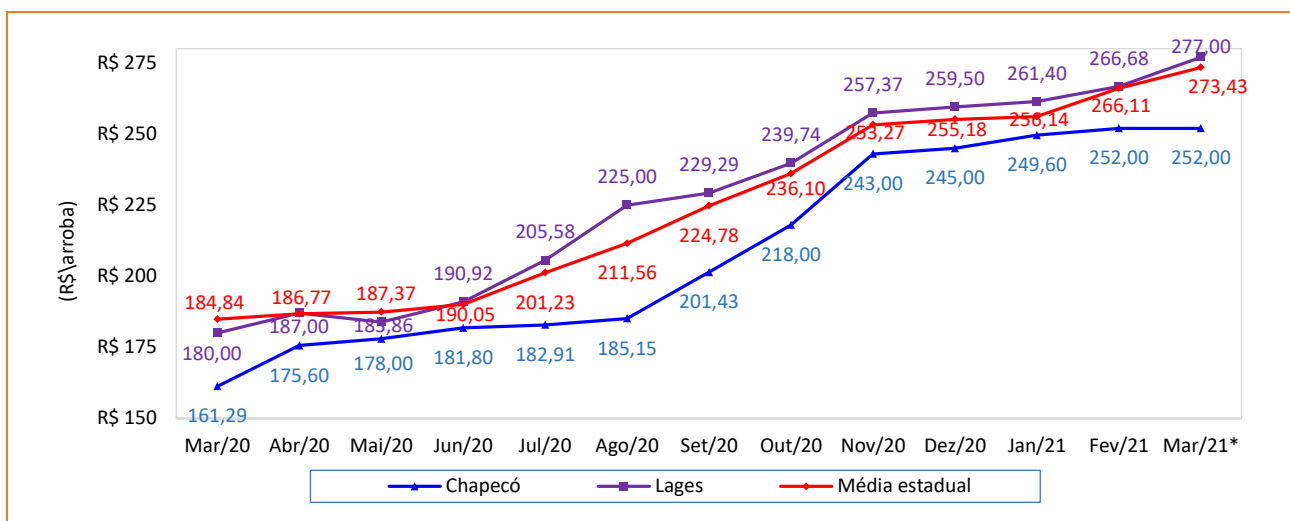


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de março, os preços de atacado da carne bovina mantiveram a tendência de alta que vem sendo observada desde meados do ano passado. Em relação a fevereiro, observou-se elevação de 1,8% para a carne bovina de dianteiro e 1,9% para a carne bovina de traseiro, com média de 1,9%. No ano, a alta acumulada é de 6,6%.

Quando se comparam os valores atuais e aqueles praticados em março de 2020, as altas são de 37,2% para a carne de dianteiro e 25,1% para a carne de traseiro, média de 31,1%.

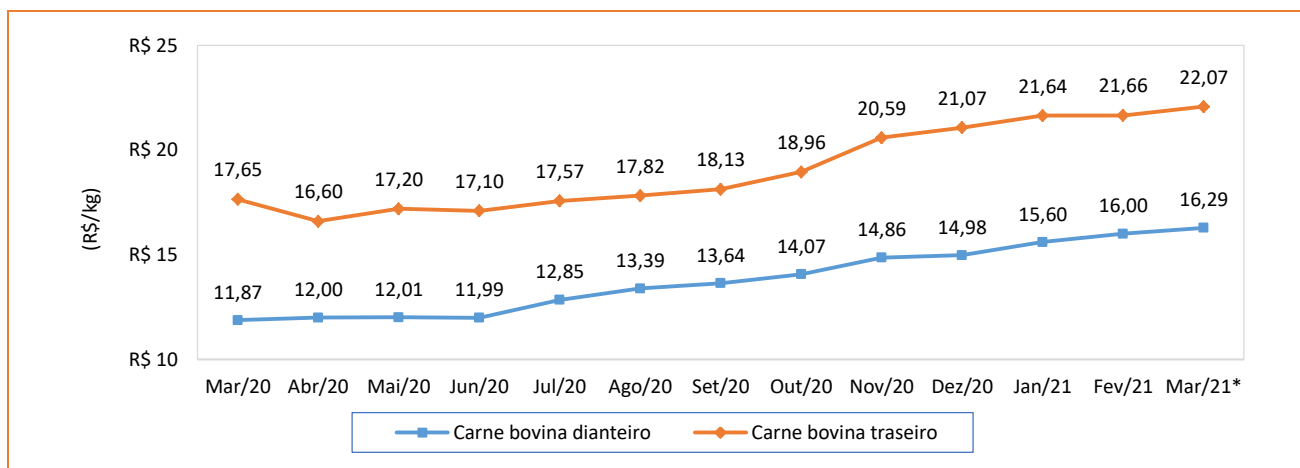


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Nas primeiras semanas de março, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram novas altas. Na comparação com fevereiro, registraram-se aumentos de 2,9% no preço preliminar dos bezerros de até 1 ano e de 0,6% no dos novilhos de 1 a 2 anos. Vale mencionar que em fevereiro foram registradas altas expressivas nas duas categorias: 6,6% para os bezerros e 7,3% para os novilhos. Na comparação com março de 2020, as variações são de 35,6% para os bezerros e 33,1% para os novilhos.

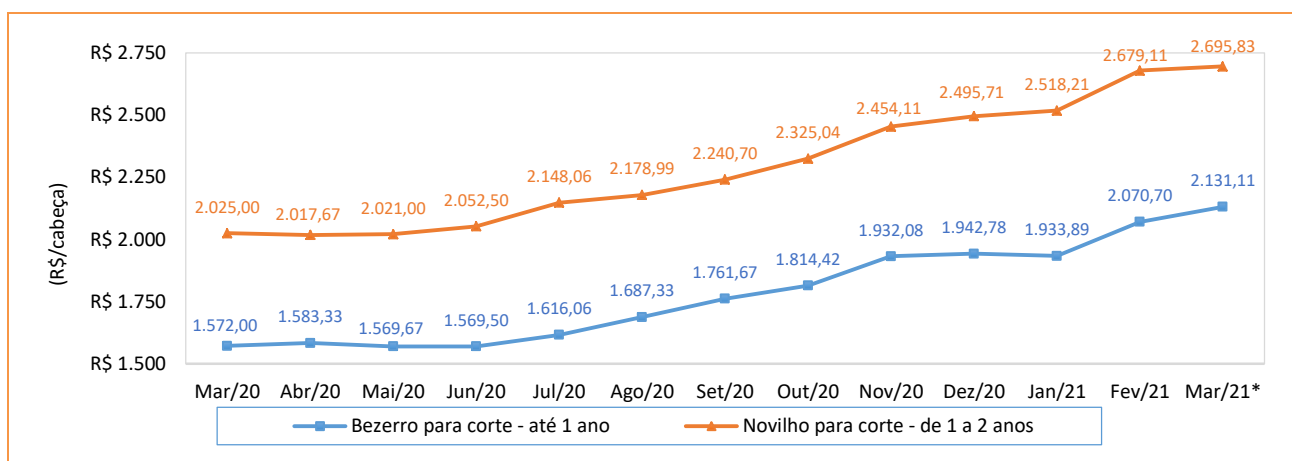


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **123,54 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **2,1%** em relação ao mês anterior e de **5,7%** na comparação com fevereiro de 2020. As receitas foram de **US\$551,15 milhões**, alta de **0,6%** em relação ao mês anterior, mas queda de **1,5%** na comparação com fevereiro de 2020.

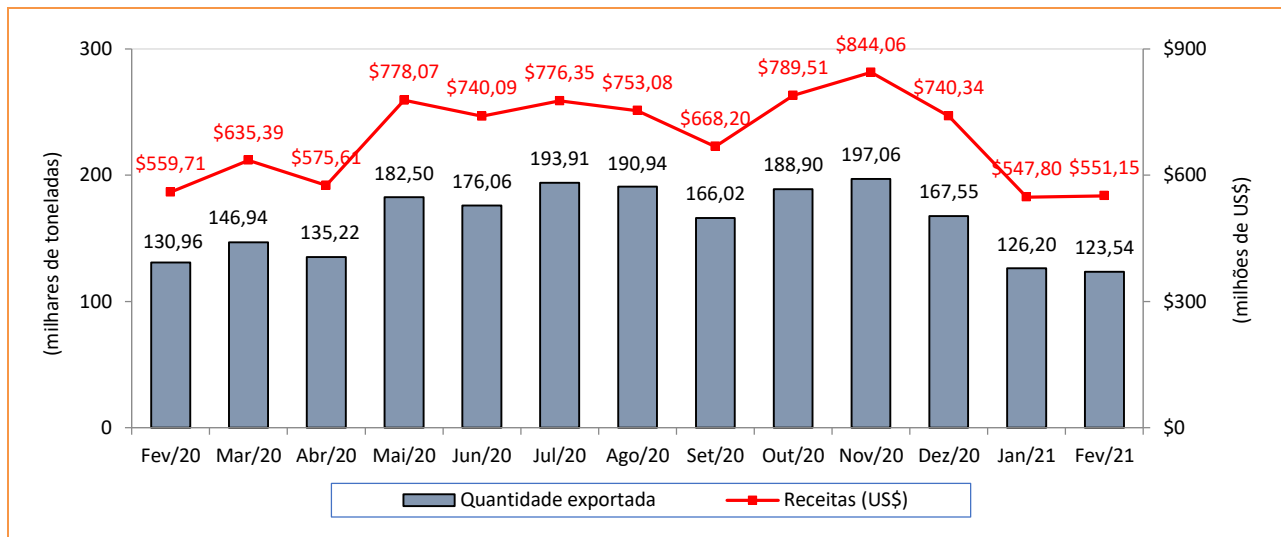


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em fevereiro foi de **US\$ 4.510/tonelada**, alta de **0,6%** em relação ao mês anterior e de **2,5%** na comparação com fevereiro de 2020.

No 1º bimestre, o Brasil exportou **249,7 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$1,10 bilhão** em receitas, quedas de **6,2%** e **6,7%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

China e Hong Kong responderam por 61,5% das receitas brasileiras com exportações desse produto no ano. Na comparação com o mesmo período de 2020, a China ampliou em 9,6% o valor e 30,4% a quantidade de carne bovina importada do Brasil.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, cinco apresentaram quedas nas receitas do 1º bimestre, com destaque para Hong Kong (-24,3%) e Chile (-33,1%). Por outro lado, altas importantes foram observadas nas receitas das exportações para a China (9,6%) e os Estados Unidos (180,3%).

A expectativa é que a demanda da China volte a crescer mais firmemente com o encerramento do feriado do ano novo chinês, o que deve contribuir para a obtenção de índices positivos a partir de março. Por outro lado, há algumas dúvidas em relação à efetiva recuperação do plantel suíno chinês, severamente impactado pela peste suína africana desde 2018, o que pode influenciar no mercado de todos os tipos de carnes.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **290 toneladas** de carne bovina em fevereiro, com faturamento de **US\$1,02 milhão**, altas de 8,7% e de 31,6%, respectivamente, em relação a fevereiro de 2020.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

De dezembro de 2020 a fevereiro deste ano, observaram-se quedas nos preços dos suínos vivos na maioria

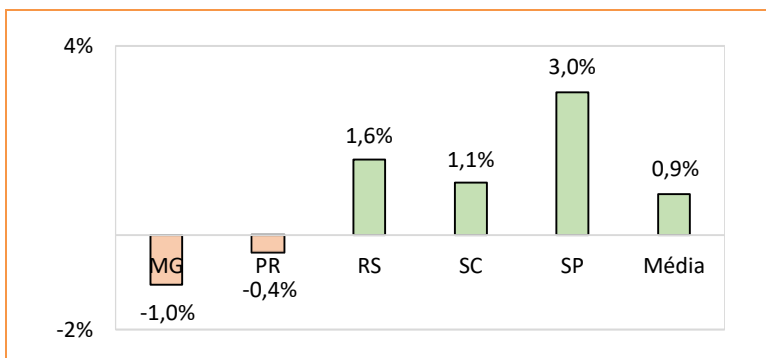


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (fevereiro/março de 2021⁽¹⁾)

⁽¹⁾Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

dos estados produtores, principalmente em função da retração nas exportações e do consumo aquém do esperado para o período. Ainda em meados de fevereiro, os preços começaram a se recuperar, puxados pelo bom desempenho do mercado externo naquele mês. Contudo, nas primeiras semanas de março voltou a se observar predomínio de preços em baixa. Embora até o momento somente Minas Gerais e Paraná apresentem variação negativa entre fevereiro e março (Figura 1), a perspectiva é que nos demais estados acompanhados os índices também fiquem negativos até o final

deste mês, já que a tendência é de queda em todos eles.

Esse recuo mais recente é resultante, principalmente, da estagnação do mercado interno, afetado pela crise econômica, pelo fim do auxílio emergencial e pela elevação dos preços da carne ao longo dos últimos meses.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em março de 2020, observam-se variações positivas em todos os estados analisados: 35,2% em Santa Catarina, 34,5% no Rio Grande do Sul, 28,2% em São Paulo, 26,5% no Paraná e 23,7% em Minas Gerais.

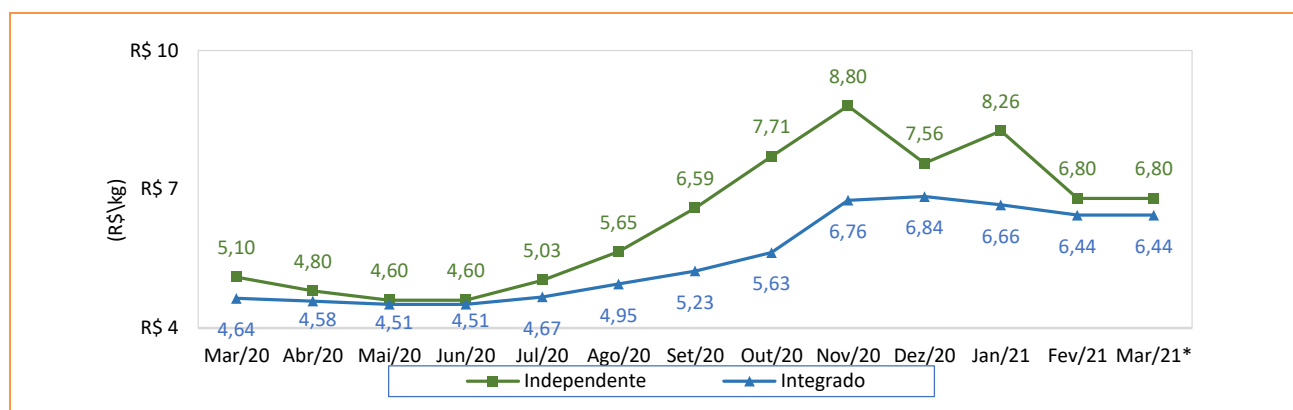


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, os preços mantiveram-se inalterados nas primeiras semanas de março, na comparação com fevereiro. Em relação a março de 2020, as variações são positivas em ambas as categorias de produtores: 33,3% para os independentes e 38,8% para os integrados.

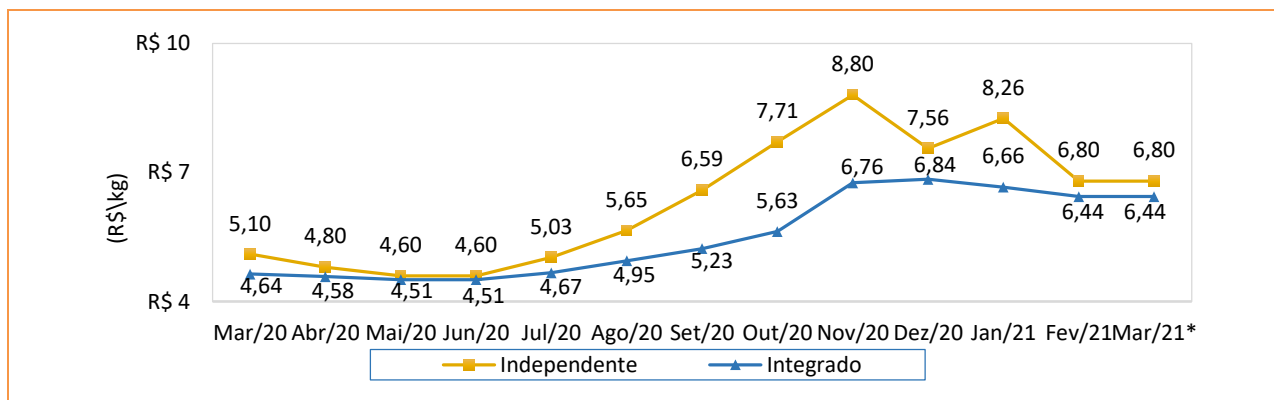


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de março foram observados movimentos bastante distintos nos preços de atacado da carne suína, de acordo com o tipo de corte. Dentre os cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, três registraram variações positivas na comparação com o mês anterior: lombo (7,9%), costela (2,3%) e carcaça (1,1%). Por outro lado, carré e pernil apresentaram quedas de 1,7% e 10,3%, respectivamente. A variação média dos cinco cortes foi de -0,1%.

Esse cenário é decorrente, principalmente, da queda sazonal de demanda nos primeiros meses do ano e do desaquecimento do mercado interno. Além disso, os possíveis impactos sobre o consumo de carnes das medidas restritivas que estão sendo implantadas em vários estados, em função do agravamento da pandemia, preocupam o setor e desestimulam as agroindústrias a ampliarem seus estoques.

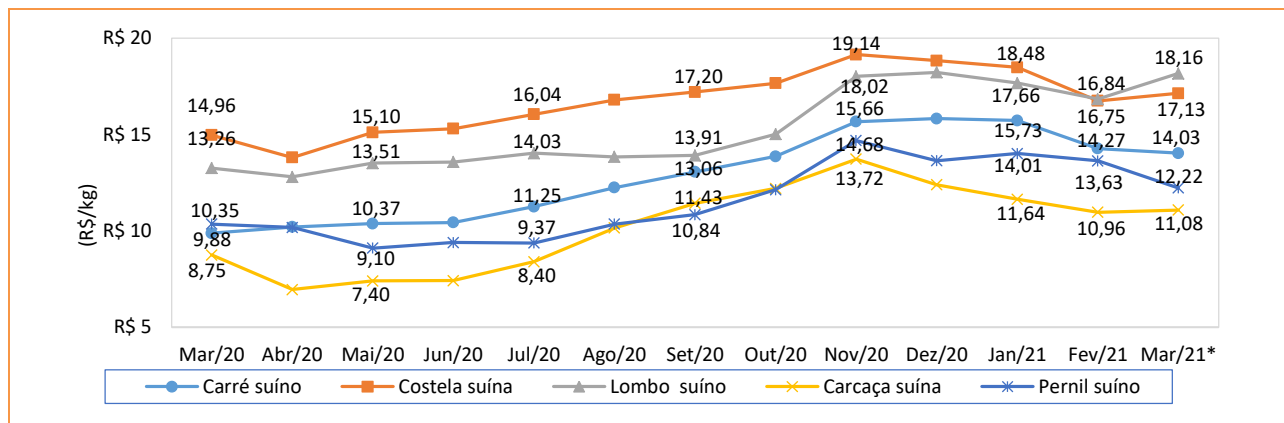


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de março e o mesmo mês de 2020, as variações ainda são positivas em todos os cortes: carré (42,0%), lombo (37,0%), carcaça (26,7%), pernil (18,1%) e costela (14,5%). Na média, a alta foi de 27,7%. Vale destacar que os custos de produção tiveram variação bem mais expressiva, como veremos adiante.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) de fevereiro registrou alta de 3,7% em relação ao mês anterior. Nos últimos doze meses, a variação foi de 48,7%, impulsionada pela elevação dos custos com nutrição (43,3%).

Os preços dos leitões mantiveram-se relativamente estáveis nas primeiras semanas de março, quando comparados a fevereiro. Os preços dos leitões de 6 a 10kg registraram pequena alta de 0,2%, enquanto os leitões de aproximadamente 22kg apresentaram queda de 0,4%. Na comparação com as médias de março de 2020, registram-se variações positivas em ambos os casos: 42,7% para os leitões de 6 a 10kg e 40,8%, para os leitões de aproximadamente 22kg.

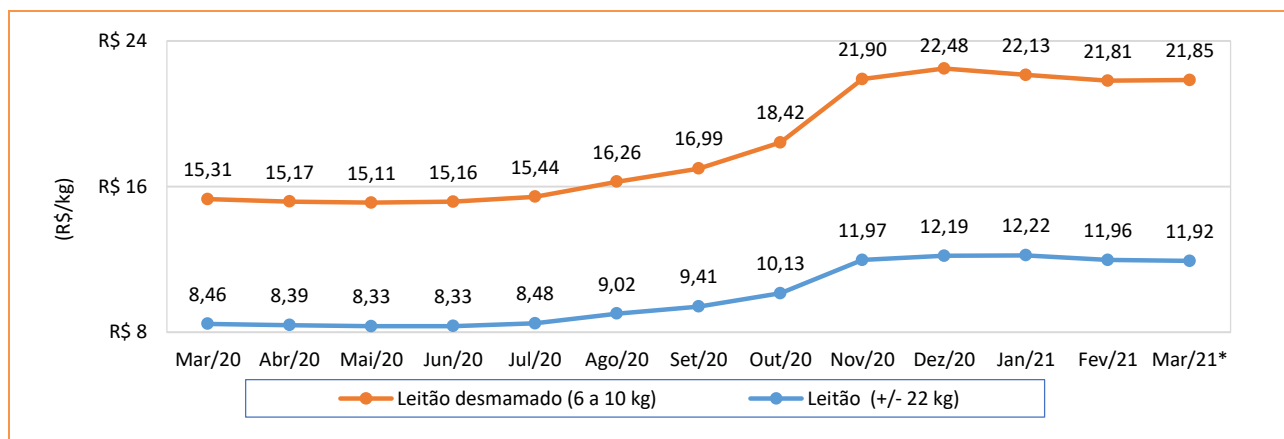


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 1,0% nas primeiras semanas de março em relação ao mês anterior. Essa variação deve-se à elevação no preço de atacado do milho na praça de Chapecó, já que o preço do suíno vivo se manteve inalterado naquela mesma praça. O valor atual está 35,3% acima daquele registrado em março de 2020.

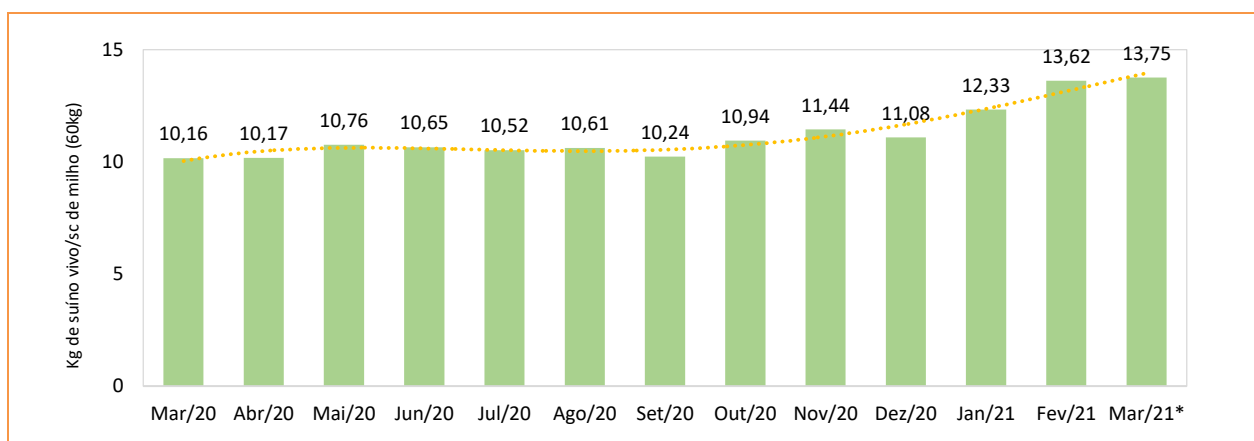


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/mar./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os elevados custos de produção devem ser uma das principais preocupações do setor este ano. Segundo diversos analistas de mercado, o preço do milho, principal componente das rações para animais, deve se manter em patamar bastante elevado pelo menos até julho, quando entra no mercado milho oriundo da safrinha. Contudo, há análises que apontam que, mesmo assim, as quedas não devem ser muito expressivas.

Comércio exterior

Em fevereiro, o Brasil exportou **79,93 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **28,9%** acima da quantidade registrada no mês anterior e **20,0%** mais que em fevereiro de 2020. As receitas foram de **US\$184,32 milhões**, alta de **26,9%** em relação ao mês anterior e de **19,6%** na comparação com fevereiro de 2020.

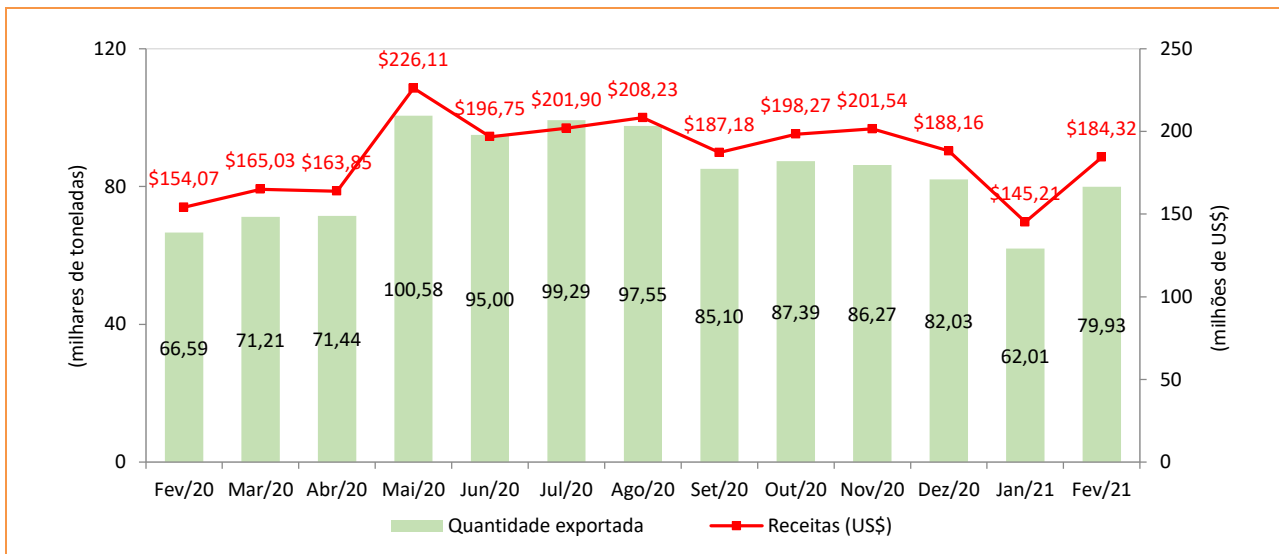


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º bimestre, o país exportou 141,95 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$329,536 milhões, altas de 5,7% e 3,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2021 são China, Hong Kong, Chile, Singapura e Uruguai, responsáveis por 83,8% das receitas no período. China e Hong Kong somam 68,0% do total.

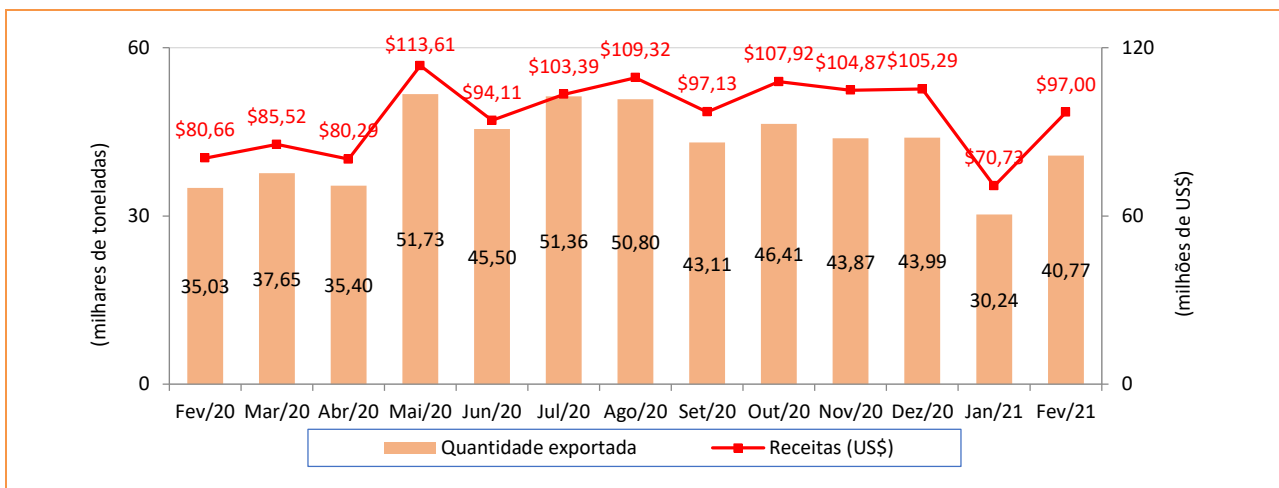


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Santa Catarina exportou **40,77 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em fevereiro, alta de **34,8%** em relação ao mês anterior e de **16,4%** na comparação com fevereiro de 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$97,00 milhões**, crescimento de **37,2%** em relação ao mês anterior e de **20,3%** na comparação com fevereiro de 2020.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em fevereiro foi de **US\$ 2.457/tonelada**, alta de **1,0%** em relação ao mês anterior e de **2,6%** na comparação com fevereiro de 2020.

No acumulado do 1º bimestre, o estado exportou **71,01 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$167,73 milhões**, quedas de **3,5%** e **2,7%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Santa Catarina responde por **50,9%** das receitas e **50,0%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 80,5% das receitas do 1º bimestre. China e Hong Kong responderam por 66,3%.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º bimestre/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	101.271.679,00	42.578
Chile	23.791.458,00	9.829
Hong Kong	9.899.236,00	5.017
Argentina	6.749.968,00	2.320
Japão	6.332.539,00	1.543
Demais países	19.685.519,00	9.719
Total	167.730.399,00	71.006

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, quatro apresentaram variações negativas nas receitas do 1º bimestre em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para Hong Kong (-53,3%) e Estados Unidos (-15,7%). Em relação aos países que apresentaram variação positiva, chama-se atenção para a China (5,2%), Chile (56,0%) e a Argentina (30,2%).

Não obstante os bons resultados de fevereiro, as projeções de exportações deste ano seguem como uma incógnita, principalmente em função das notícias de recomposição do plantel de suínos da China, principal importador de proteína animal brasileira.

De acordo com recente relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção de carne suína da China em 2021 deverá aumentar 14%. Ainda segundo o órgão estadunidense, a recuperação do rebanho chinês será impulsionada por maiores estoques de matrizes e preços altos da carne suína. No entanto, mesmo com a expansão, a produção permanecerá abaixo da média anterior à peste suína africana (PSA).

Além disso, o ressurgimento da doença em algumas regiões que não apresentavam casos há vários meses coloca em questão o risco de novos surtos, que podem atrasar o avanço da recuperação. São recorrentes, por exemplo, as notícias relacionadas a novas cepas de PSA no território chinês.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias⁹

No dia 11/02, o IBGE divulgou os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), com os dados de âmbito nacional do último trimestre de 2020. Na oportunidade, se pode verificar preliminarmente que as indústrias inspecionadas do Brasil haviam adquirido 25,397 bilhões de litros de leite em 2020, o que significava um aumento de apenas 1,5% sobre os 25,011 bilhões de litros adquiridos em 2019. No dia 18/03, o IBGE divulgou os dados estaduais, alterando o dado nacional para 25,526 bilhões de litros, que altera o crescimento em relação a 2019 para 2,1%, mas não deixa de confirmar a perda de vigor do desempenho da produção leiteira nacional nos últimos anos (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas

UF	Milhões de litros					Var. %
	2016	2017	2018	2019	2020	2019-20
Minas Gerais	6.106	5.990	6.072	6.285	6.509	3,6
Paraná	2.744	2.935	3.092	3.308	3.480	5,2
Rio Grande do Sul	3.250	3.426	3.389	3.255	3.317	1,9
Santa Catarina	2.438	2.758	2.723	2.761	2.884	4,5
São Paulo	2.559	2.872	2.728	2.786	2.728	-2,1
Goiás	2.313	2.465	2.526	2.636	2.500	-5,2
Subtotal	19.410	20.446	20.530	21.031	21.418	1,8
Outras	3.760	3.888	3.928	3.981	4.108	3,2
Brasil	23.170	24.334	24.458	25.012	25.526	2,1

2020 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Importações

Por esse discreto desempenho da produção leiteira nacional e, principalmente, pelo grande crescimento da demanda interna a partir de maio/junho do ano passado, os preços internos dos lácteos e os preços recebidos pelos produtores de leite atingiram patamares completamente inesperados ao longo do segundo semestre de 2020. A ponto de os preços internacionais de alguns lácteos ficarem competitivos em relação aos preços internos e haver um grande aumento nas importações brasileiras de lácteos. Depois de quedas em 2017, 2018 e 2019 a quantidade de lácteos importada pelo Brasil em 2020 aumentou 23,2% em relação a 2019.

Ao longo do primeiro semestre de 2020, quando os preços internos dos lácteos estavam bem abaixo dos patamares do segundo semestre, as importações brasileiras foram bastante baixas, o que era um claro indicativo de que eventuais reduções nos preços internos seriam acompanhadas de reduções nas

⁹ A Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE) é a única fonte de informação sobre a quantidade de leite adquirida pelas indústrias de todas as unidades da federação e, conseqüentemente, do País. Nos anos recentes, o IBGE passou a divulgar os resultados trimestrais dessa pesquisa em dois momentos: primeiro são divulgados os “primeiros resultados”, com números apenas de âmbito nacional e cerca de um mês após há a divulgação dos dados das unidades da federação. Nesta oportunidade é corriqueiro haver mudanças nos números dos primeiros resultados de âmbito nacional.

importações. Foi o que se viu em janeiro e, principalmente, em fevereiro deste ano. Com preços internos mais baixos as importações ficaram em patamares bem inferiores aos dos meses finais de 2020 (Tabela 2).

Tabela 2. Lácteos – Importações brasileiras

Mês	Milhão de quilos					
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Janeiro	8,378	18,960	8,366	13,649	10,583	17,825
Fevereiro	7,523	16,312	10,332	16,046	8,804	15,147
Março	16,859	15,467	9,029	10,689	9,384	
Abril	21,185	13,536	11,965	10,864	5,997	
Mai	25,777	17,700	13,418	13,729	7,523	
Junho	25,191	17,338	11,077	10,954	8,421	
Julho	23,918	16,027	13,848	9,949	12,585	
Agosto	25,672	13,472	13,266	9,858	17,987	
Setembro	28,872	10,400	11,863	12,759	22,828	
Outubro	19,249	8,968	18,471	9,777	22,131	
Novembro	20,583	9,093	17,919	10,826	22,948	
Dezembro	19,360	9,057	10,285	10,235	22,436	
Total	242,6	166,3	149,8	139,3	171,6	

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat

Preços

As duas últimas reuniões do Conseleite/SC indicaram redução no preço do leite. Com isso, mesmo em patamares bem superiores aos dos mesmos meses de 2020, os preços de referência de janeiro e fevereiro (este provisório) ficaram bem abaixo dos estabelecidos nos últimos meses de 2020 (Tabela 3).

Tabela 3. Leite padrão: Santa Catarina - preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5282	0,3	23,8
Março	1,0857	1,1957	1,2974		8,5	
Abril	1,1295	1,2185	1,3192		8,3	
Mai	1,1522	1,2535	1,3091		4,4	
Junho	1,3454	1,2036	1,5176		26,1	
Julho	1,4050	1,1560	1,5588		34,8	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Fevereiro/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

A reunião do Conseleite/SC de março está marcada para o dia 26 e as informações de mercado são de que os preços de alguns lácteos já apresentaram alguma recuperação nas semanas mais recentes. Assim, se não há expectativa de que o preço final de fevereiro seja maior do que o fixado provisoriamente na reunião anterior (R\$1,5282), há boa possibilidade de o preço de referência provisório de março ficar em patamar superior ao de fevereiro.

Considerando os péssimos indicadores atuais da economia brasileira, sobretudo no que diz respeito ao emprego e renda de parte importante das famílias pobres e da população vulnerável, é mais provável que esse movimento atual de recuperação dos preços dos lácteos esteja relacionado à queda da oferta interna de leite (sobre a qual os números são sempre parciais ou tardios), do que por reações positivas na demanda. Neste sentido, se existe alguma expectativa de que a demanda de lácteos possa reagir de maneira importante pela retomada do programa de auxílio emergencial, não se pode esperar nada parecido com o que houve em 2020, já que o programa atual terá número de beneficiários, valores médios e valor total substancialmente menores.

Os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que, embora com outros valores, o comportamento dos preços médios recebidos pelos produtores de leite de Santa Catarina tem sido similar ao dos preços de referência do Conseleite/SC. Assim, a expectativa é de que o preço médio a ser recebido em abril seja superior ao de março (Tabela 4).

Tabela 4. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores						
Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28		0,8	
Maio	1,09	1,32	1,19		-9,8	
Junho	1,14	1,32	1,31		-0,8	
Julho	1,30	1,23	1,50		22,0	
Agosto	1,35	1,19	1,66		39,5	
Setembro	1,31	1,21	1,87		54,5	
Outubro	1,28	1,21	1,95		61,2	
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

⁽¹⁾Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.